



# **ESCRITOS SEMANAIS:**

**50 artigos refletindo sobre  
a sociedade brasileira**

**Ary Ramos da Silva Júnior**

**ARY RAMOS DA SILVA JÚNIOR**

**ESCRITOS SEMANAIS:  
50 artigos refletindo  
sobre a sociedade  
brasileira**



**VirtualBooks Editora**

© Copyright 2023, Ary Ramos da Silva Júnior

1ª edição

1ª impressão

(Publicado em janeiro de 2023)

Todos os direitos reservados e protegidos pela lei no 9.610, de 19/02/1998. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito do detentor dos direitos, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

## **Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

Júnior, Ary Ramos da Silva

ESCRITOS SEMANAIS: 50 artigos refletindo sobre a sociedade brasileira. Ary Ramos da Silva Júnior. Pará de Minas, MG: VirtualBooks Editora, Publicação 2023. E-book PDF

ISBN 978-65-5606-385-0

CDD- B869 Literatura brasileira. Artigos. Brasil. Título.

---

*Livro publicado pela*  
VIRTUALBOOKS EDITORA – livros impressos e e-books.  
<http://www.virtualbooks.com.br>  
Fone / WhatsApp (37) 99173-3583 - [capasvb@gmail.com](mailto:capasvb@gmail.com)

## **Prefácio**

Muito mais do que uma ciência exata, a economia é uma ciência social. É a pessoa o centro dessa engrenagem que precisa funcionar para que haja produção, renda, emprego e dignidade. Pensando na importância da economia para a construção de uma sociedade forte, o Diário da Região, jornal impresso fundado há 72 anos em São José do Rio Preto, interior de São Paulo, dedica espaço nobre aos muitos pilares e aspectos que formam a economia de uma cidade e de um país.

Para trazer pluralidade às discussões e propor reflexões sobre o tema, o jornal impresso mais importante do interior paulista tem em seu rol articulistas do mais alto calibre, dentre eles o professor Ary Ramos da Silva Júnior, bacharel em ciências econômicas e administração, especialista em economia comportamental, mestre e doutor em sociologia.

Ao completar cinquenta artigos publicados semanalmente no prestigioso veículo de

comunicação, Ary brinda agora os leitores com a coletânea desse vasto material que propõe, em síntese, uma reflexão sobre como os modelos de produção do capitalismo poderiam ser adotados para proporcionar condições íntegras de vida a todas as camadas da população e não apenas às mais abastadas.

Chama a atenção no conjunto da obra de Ary justamente esse olhar humano para a economia, em que o sujeito deve vir em primeiro lugar, deve ser o protagonista da história e dividir os espaços em algum nível de igualdade com aqueles que estão no topo da pirâmide social. Crítico ao sistema, o especialista aponta propostas que podem ajudar a reduzir os gritantes índices de desigualdade que marcam este país.

Ler e acompanhar o que pensa o professor Ary é uma grande oportunidade de se abrir os olhos para ver que o desenvolvimento econômico é possível não só no Brasil como em outros países. Não sem antes romper com anos e anos de profundos equívocos e com o poder político e econômico voltado apenas à parte privilegiada da sociedade.

A preocupação com o conjunto perpassa toda a obra do professor Ary. Para ele, o interesse coletivo deve ser muito maior que o individual para que assim todos ganhem e não apenas os donos do capital. Em suas palavras, “é preciso acabar com a miséria e com a indignidade”. Que essa leitura possa ajudar cada um nós a movimentar as engrenagens da economia na construção de novos tempos!

*Liza Mirella \ Jornalista, Repórter de Economia com pós-graduação em Comunicação Jornalística*

## **Agradecimento**

Vivemos numa sociedade marcada por grandes transformações estruturais, que nos levam a refletir sobre os desafios e as oportunidades cotidianas, buscando entender os movimentos econômicos, sociais, culturais e políticos da contemporaneidade.

Nestas reflexões encontramos pessoas variadas que convivem conosco, nos tolerando e nos amando para compreender os desafios do dia a dia, pessoas que nos auxiliam diretamente na compreensão do significado do amor, da cordialidade e das relações afetivas, sentimentos sublimes que nos levam a compreender o significado da vida, pessoas com suas dificuldades, seus sentimentos e suas complexidades, pessoas que nos auxiliam a crescer, a se desenvolver e a aprender a amar.

Destas pessoas, destacamos a minha família, a minha esposa e os nossos filhos, amores iluminados que nos auxiliam a compreender a dimensão do verdadeiro amor, do companheirismo e dos prazeres da felicidade eterna. Falar sobre a família nos leva a reflexões mais íntimas e pessoais, que nos leva ainda aos prantos de sentimentos arraigados e sinceros, é falar sobre os amores, os valores, os carinhos, os abraços e os sentimentos verdadeiros que nos empolgam para compreender que o caminhar contemporâneo é, mais uma vez, um momento de crescimento espiritual e emocional e agradecer esta oportunidade de vivenciar os sentimentos e valores mais sinceros e verdadeiros dos seres humanos.

O livro é sempre um instrumento de reflexões cotidianos, um espaço de discussões de ideias e pensamentos que nos auxiliam a compreender as transformações da coletividade, mas esta reflexão só será possível se materializar e se encontrarmos, no

caminhar cotidiano, pessoas especiais e maiores do que nós mesmos, pessoas como a minha companheira, minha amiga, minha amante e o meu grande amor, Deise Ramos, sem ela, meus dias seriam de tédio, solidão e pouca criatividade intelectual. Nestas palavras, busco dedicar a obra para minha companheira e os frutos deste amor sincero e verdadeiro, Ary Neto e Maria Eduarda, são estes os melhores valores e sentimentos do meu interior.

Nesta caminhada, destacamos o papel fundamental da minha mãe, Cezarina, sentimento de amor verdadeiro e dono de ensinamentos sinceros e elevados que nos auxilia na caminhada do cotidiano, do crescimento emocional, moral e espiritual, meus mais sinceros agradecimentos...

É necessário destacar ainda, o papel central e fundamental dos sentimentos e amores verdadeiros das minhas irmãs, Célia e Rosângela, espíritos elevados e altamente

desenvolvidos que me auxiliam na convivência cotidiana extremamente carinhosas e verdadeiras, com certeza, a existência de vocês eu me faço melhor e mais agradecido, muito obrigado.

Destacamos a convivência fraterno com meus sobrinhos amados, Pedro Augusto e Mariana Beatriz, espíritos elevados e extremamente carinhosos, dedicados e dotados de valores morais e sentimentos éticos elevados. Nesta caminhada, encontramos pessoas que contribuem para seu desenvolvimento, neste espaço destacamos os papéis dos meus cunhados, ambos são importantes na minha caminhada, Orlando e Lourivaldo, um grande abraço.

Agradeço imensamente ao convite feito pelo Jornal Diário da Região para participar deste projeto de escrever todas as semanas, as quartas-feiras, uma coluna sobre contemporaneidade, enfatizando as minhas áreas de estudos constantes, a Economia, a

Política e a Sociologia. Agradeço em especial a repórter Liza Mirela, responsável pelo convite e que assina o prefácio, meu sincero agradecimento.

Gostaria de agradecer as instituições que me abraçaram profissionalmente, o Centro Universitário de Rio Preto (Unirp), a Universidade Paulista (Unip) e as Faculdade de tecnologia de Catanduva, Fatec Jaboticabal e a Fatec Barretos, que me deram a oportunidade de mostrar meu trabalho e minha paixão na busca constante da difícil compreensão da sociedade brasileira, um país que tem todas as características de se transformar numa potência internacional, mas infelizmente ainda não conseguiu acordar dessa missão de desenvolvimento.

## **Apresentação da obra**

Ary Ramos da Silva Júnior iniciou o curso de Ciências Econômicas no ano de 1993 na Unesp Araraquara – SP, motivado pela sua curiosidade. Pois, a busca para conhecer essa ciência foi dado por um fato: “em meados dos anos 80 anos o Brasil, teve um momento marcante que a inflação começou a se tornar crônica na estrutura econômica brasileira socialmente, culturalmente motivos estes que levaram o autor Ary Ramos da Silva Júnior a encontrar as suas respostas para as seguintes perguntas: Porque acontecia a inflação? Qual o impacto da economia sobre a sociedade? Entre outras...

Segundo o autor, a definição é “Economia uma ciência extremamente interessante, complexa e difícil, que está muito ligada a questões políticas, não é uma ciência autônoma, é uma luta de poder político quem ganha e quem perde, isso é um dos conflitos mais

interessantes da economia. Tem muita gente que acha que é uma ciência técnica e não é, economia para muitos não é nem é uma ciência, economia é uma arte, quando você tenta entender a economia de forma técnica a gente perde a capacidade de compreender o impacto político disso tudo...”

Posterior a sua finalização da graduação, já ingressou no mestrado e doutorado em Sociologia na mesma instituição. Além de diversas especializações, capacitações e cursos. Na sua trajetória acadêmica, como docente em curso de graduação e pós-graduação em várias instituições de ensino superior.

Apaixonado pelo conhecimento de ambas áreas, o autor tem um acervo de mais ou menos 8.000 obras em sua biblioteca particular, ambiente esse que é o seu refúgio para a leitura e trabalho. Criou seu próprio site, tem em seu nome livros, capítulos e artigos e até atualidade segue na docência desde 1997, sua realização pessoal e profissional.

Em novembro de 2020 é chegado o momento do convite do meio de comunicação impresso situado na cidade de São José do Rio Preto – SP, o “Diário da Região” e com total surpresa e momento de divulgar o seu conhecimento e competência através também do seu site, o Professor Doutor Ary Ramos da Silva Júnior aceitou esse desafio confiante na importância de divulgar e fazer chegar ao nosso conhecimento assuntos pertinentes no nosso cotidiano, sobre sociedade, economia, política, cultura e outros.

A cada artigo publicado, nos traz um conhecimento a mais e nos agrega ou nos inunda de mais sapiência, aumentando ou se interessando cada vez mais pelos diversos assuntos da atual sociedade que vivemos, as suas necessidades, carências e perspectivas.

Nesse campo da economia percebemos quão importante entender sobre sociedade e como os impactos econômicos interferem, ajudam positivamente ou negativamente na civilização.

Os 50 primeiros artigos publicados no Diário da Região, desde novembro de 2020, trazem esse projeto concreto, o livro, uma coletânea de 50 assuntos diversos e pertinentes ao conhecimento dos leitores desse jornal respeitado e prestigiado por toda a região. Por isso, vale a pena ler!

Os cinquenta artigos dessa obra vêm nos descortinar sobre uma ciência essencial a vida da humanidade, a economia, sua definição e sua importância.

Uma das frases mais belas, segundo o autor:

“O país se faz com homens e livros” (Monteiro Lobato)

*Deise Maria Marques da Silva Ramos, Mestre em Psicologia, Especialista em Psicologia Clínica: Terapia Cognitivo Comportamental pela Faculdade de Medicina – Famerp, Psicóloga, Pedagoga, Professora e Coordenadora de Orientação e Apoio Educacional na Etec Philadelpho Gouvêa Netto em São José do Rio Preto –SP.*

# SUMÁRIO

|                            |        |
|----------------------------|--------|
| A NOVA ECONOMIA            | - 21 - |
| DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS    | - 26 - |
| ECONOMIA PÓS-PANDEMIA      | - 30 - |
| INCERTEZAS ECONÔMICAS      | - 34 - |
| MEDOS CONTEMPORÂNEOS       | - 39 - |
| PERSPECTIVAS               | - 43 - |
| DESASTRES INEVITÁVEIS      | - 48 - |
| NOVA DÉCADA PERDIDA        | - 53 - |
| DESENVOLVER TECNOLOGIAS    | - 58 - |
| VISÃO SISTÊMICA            | - 63 - |
| DEPENDÊNCIA E SUBORDINAÇÃO | - 68 - |
| O MITO DO PROGRESSO        | - 73 - |
| RECONSTRUÇÃO NACIONAL      | - 78 - |
| ESTADO EMPREENDEDOR        | - 83 - |
| ECONOMIA COMPARTILHADA     | - 88 - |
| DEGRADAÇÃO ECONÔMICA       | - 93 - |
| DESIGUALDADES              | - 98 - |

|                            |         |
|----------------------------|---------|
| OPORTUNIDADES PÓS-PANDEMIA | - 103 - |
| ARMADILHAS                 | - 108 - |
| GUERRAS PRODUTIVAS         | - 113 - |
| OS INVISÍVEIS              | - 118 - |
| CONTRADIÇÕES               | - 123 - |
| FINANÇAS E DESENVOLVIMENTO | - 128 - |
| PLANO BIDEN                | - 133 - |
| ASCENSÃO CHINESA           | - 138 - |
| ESCADA TECNOLÓGICA         | - 143 - |
| ENTRAVES POLÍTICOS         | - 148 - |
| MUNDO DO TRABALHO          | - 153 - |
| DESEMPREGO                 | - 158 - |
| PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO   | - 163 - |
| RECUPERAÇÃO ECONÔMICA      | - 168 - |
| CONCENTRAÇÃO DE RENDA      | - 173 - |
| TEMPESTADE PERFEITA        | - 178 - |
| APAGÃO DA MÃO DE OBRA      | - 183 - |
| OPORTUNIDADES PERDIDAS     | - 188 - |
| DESINDUSTRIALIZAÇÃO        | - 193 - |
| DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO  | - 198 - |

|                              |         |
|------------------------------|---------|
| RECUPERAÇÃO AMEAÇADA         | - 203 - |
| CIÊNCIA E TECNOLOGIA         | - 208 - |
| CONFIANÇA                    | - 213 - |
| RECUPERAÇÃO DA ECONOMIA EM K | - 218 - |
| CAOS GENERALIZADO            | - 223 - |
| PROJETO NACIONAL             | - 228 - |
| RUMORES EXTERNOS             | - 233 - |
| NEGOCIAÇÃO E SOBERANIA       | - 238 - |
| FOME                         | - 243 - |
| DILEMAS                      | - 248 - |
| ESTAGFLAÇÃO                  | - 253 - |
| INFLAÇÃO                     | - 258 - |
| INVESTIMENTO PÚBLICO         | - 263 - |
| POSFÁCIO                     | - 268 - |

## **A nova economia**

A sociedade internacional está passando por grandes transformações em todas as áreas e setores, estas alterações estão gerando impactos generalizados, neste momento as bases da economia estão passando por construções ou por reconstruções. Neste momento, percebemos o nascimento de uma Nova Economia, gerando novos atores sociais, políticos e culturais, com isso, percebemos novos desafios e novas oportunidades, trazendo medos e esperanças e, ao mesmo tempo, novos comportamentos, concorrências e riscos crescentes, estamos numa outra sociedade, numa nova coletividade e construindo novos modelos de civilizações.

Como destacou o criador do Fórum Econômico Mundial, Klaus Schwab, a Nova Economia traz novos conceitos para a economia contemporânea, como Indústria 4.0, Inteligência Artificial, Internet das coisas,

robótica, civilização digital, Startups, 5G, computação quântica, biotecnologias, dentre outras. Estes novos conceitos estão transformando todas as economias, desafiando as nações, criando um mundo cheio de oportunidades, mas ao mesmo tempo percebemos grandes instabilidades, inseguranças e desesperanças.

A Nova economia está exigindo uma constante transformação cotidiana, os trabalhadores devem incorporar novas inovações, as invenções devem impulsionar a coletividade, os desafios devem ser crescentes, as atividades repetitivas do mundo do trabalho devem ser repassadas para as máquinas. Os trabalhadores devem ser estimulados para o pensamento crítico, exigindo novas mentalidades e a construção de novos equilíbrios emocional e espiritual, sem estes equilíbrios não conseguirão se adaptar a esta nova sociedade, marcadas por incertezas crescentes, instabilidades gerais, volatilidades,

complexidades e transformações constantes. Destes desafios, destacando os modelos educacionais, das escolas e das universidades, que prescindem de novas metodologias para a construção dos novos conhecimentos, se a sociedade demanda cidadãos conscientes e críticos, os novos modelos de ensino devem capacitar para a construção dos trabalhadores do século XXII, deixando de lado os modelos repetitivos, superficiais e baseados nas decorebas constantes, criando novos modelos dinâmicos e reflexivos para auxiliar na construção da nova economia contemporânea.

Os novos modelos de negócios atuam na construção de ecossistemas de empreendimentos, tais como startups, empresas de tecnologias e marcadas pelo crescimento das inovações, com suas mentalidades dinâmicas, com seus comportamentos marcados pela ambiguidade, por modelos revolucionários de negócios, mais

marcados pela flexibilidade, pelo dinamismo e menos burocracias, dominados por aplicativos e produtos intangíveis. Neste novo modelo de organização, encontramos o cenário da nova economia, centrados nas incertezas e constantes mudanças, esta nova sociedade pode ser definida pela disrupção, que tem como base um rompimento com o velho mercado e abertura para o novo, mais tecnológico, flexível e prático.

A sociedade mundial se caracteriza por grandes transformações, a rapidez destas alterações cresce de forma acelerada. Neste ambiente, os indivíduos estão atordoados, assustados, os trabalhos estão se tornando escassos, com isso, o mundo de trabalho está gerando instabilidades, desesperanças, depressões e ansiedades. Neste mundo contemporâneo, a tecnologia acelera rapidamente, neste ambiente, enquanto os indivíduos não conseguem acompanhar estas transformações impulsionadas pelas novas

tecnologias, vivemos um grande paradoxo, os consumidores percebem inúmeras mercadorias disponíveis no mercado, mas de outro lado percebem seus rendimentos se reduzindo, seus salários diminuem e as perspectivas de sobrevivência dignas diminuem de forma acelerada, impulsionando conflitos, violências e a convivência social, neste momento, percebemos a importância de uma discussão maior sobre os rumos da sociedade mundial.

## **Desafios contemporâneos**

Vivemos momentos de grandes incertezas na sociedade global, definidas pelo grande sociólogo polonês Zygmunt Bauman como um mundo líquido, caracterizado por grandes instabilidades, volatilidades e grandes transformações. Para piorar o momento atual, vivenciamos uma grande crise sanitária, uma crise global com impactos sobre todas as regiões do mundo, gerando incremento dos infectados, mortes e degradações variadas.

Dentre os grandes desafios da sociedade contemporânea, destacamos os desequilíbrios climáticos, desemprego elevado, endividamento crescente, incremento das desigualdades sociais, além de conflitos políticos, raciais e culturais, além de violências, intolerâncias e desequilíbrios emocionais e psicológicas. Neste momento, a pandemia global se tornou o maior desafio mundial, cujos impactos destrutivos crescem aceleradamente,

gerando medos, desesperanças e crueldades, contabilizando mais de 1 milhão de mortos, degradação econômica, insegurança e violências generalizadas.

Vivemos em uma sociedade marcada por variadas contradições, de um lado, percebemos tantas inovações tecnológicas, novos conhecimentos, novas ciências, novos materiais, novas descobertas que retardam o envelhecimento e melhoram a qualidade de vida e propiciam ao indivíduo mais bem-estar social. De outro lado, percebemos um mundo marcado por conflitos étnicos, desigualdades em ascensão, riquezas concentradas, pobreza crescentes e instabilidades, depressões e violências generalizadas.

O incremento da ciência, do conhecimento e da tecnologia foram fundamentais para o crescimento da economia global, mas ao mesmo tempo percebemos que o crescimento da tecnologia não foi capaz de transformar os

valores da sociedade, muito pelo contrário, os novos valores estão todos se concentrando nos valores do capital, do dinheiro, da ostentação e da acumulação. Estamos vivendo um descompasso entre valores, na contemporaneidade estamos construindo uma sociedade marcada por valores éticos e morais centrados nas incertezas e nas instabilidades, ao mesmo tempo, perdemos as referências da convivência social, da comunidade, da empatia e da solidariedade.

Os desafios são prementes, percebemos uma ausência de líderes mundiais capacitados para compreender a contemporaneidade, demonstrar conhecimentos técnicos e agilidade política para costurar novos espaços para a superação deste momento de grandes dificuldades e incertezas. Necessitamos de líderes ousados, criativos e solidários, com ideias dinâmicas e flexíveis, deixando de lado pensamentos atrasados, retrógrados e pouco eficientes. Neste momento de desagregação

social, crises econômicas e conflitos políticos, estas lideranças devem deixar de lado crenças ultrapassadas, fortalecer a ciência, adotar políticas pragmáticas, centradas nas pesquisas científicas, estimulando os investimentos no conhecimento, na democratização dos ganhos e políticas de inclusão social, sem estas políticas dificilmente vamos conseguir dar passos mais eficientes para o desenvolvimento da civilização.

Neste momento, as políticas da contemporaneidade devem construir uma nova coletividade, mais inclusiva, mais reflexiva e verdadeiramente plural, sem o predomínio do individualismo e da concorrência degradante, fazendo com que a tecnologia e a ciência sirvam para o bem-estar de todos os grupos sociais ao invés de um pequeno grupo de privilegiados e num ambiente marcado por pobreza e degradações, como estamos visualizando na sociedade contemporânea.

## **Economia pós-pandemia**

Vivemos momentos de grandes incertezas na sociedade global, definidas pelo grande sociólogo polonês Zygmunt Bauman como um mundo líquido, caracterizado por grandes instabilidades, volatilidades e grandes transformações. Para piorar o momento atual, vivenciamos uma grande crise sanitária, uma crise global com impactos sobre todas as regiões do mundo, gerando incremento dos infectados, mortes e degradações variadas.

Dentre os grandes desafios da sociedade contemporânea, destacamos os desequilíbrios climáticos, desemprego elevado, endividamento crescente, incremento das desigualdades sociais, além de conflitos políticos, raciais e culturais, além de violências, intolerâncias e desequilíbrios emocionais e psicológicas. Neste momento, a pandemia global se tornou o maior desafio mundial, cujos impactos destrutivos crescem aceleradamente,

gerando medos, desesperanças e crueldades, contabilizando mais de 1 milhão de mortos, degradação econômica, insegurança e violências generalizadas.

Vivemos em uma sociedade marcada por variadas contradições, de um lado, percebemos tantas inovações tecnológicas, novos conhecimentos, novas ciências, novos materiais, novas descobertas que retardam o envelhecimento e melhoram a qualidade de vida e propiciam ao indivíduo mais bem-estar social. De outro lado, percebemos um mundo marcado por conflitos étnicos, desigualdades em ascensão, riquezas concentradas, pobreza crescentes e instabilidades, depressões e violências generalizadas.

O incremento da ciência, do conhecimento e da tecnologia foram fundamentais para o crescimento da economia global, mas ao mesmo tempo percebemos que o crescimento da tecnologia não foi capaz de transformar os

valores da sociedade, muito pelo contrário, os novos valores estão todos se concentrando nos valores do capital, do dinheiro, da ostentação e da acumulação. Estamos vivendo um descompasso entre valores, na contemporaneidade estamos construindo uma sociedade marcada por valores éticos e morais centrados nas incertezas e nas instabilidades, ao mesmo tempo, perdemos as referências da convivência social, da comunidade, da empatia e da solidariedade.

Os desafios são prementes, percebemos uma ausência de líderes mundiais capacitados para compreender a contemporaneidade, demonstrar conhecimentos técnicos e agilidade política para costurar novos espaços para a superação deste momento de grandes dificuldades e incertezas. Necessitamos de líderes ousados, criativos e solidários, com ideias dinâmicas e flexíveis, deixando de lado pensamentos atrasados, retrógrados e pouco eficientes. Neste momento de desagregação

social, crises econômicas e conflitos políticos, estas lideranças devem deixar de lado crenças ultrapassadas, fortalecer a ciência, adotar políticas pragmáticas, centradas nas pesquisas científicas, estimulando os investimentos no conhecimento, na democratização dos ganhos e políticas de inclusão social, sem estas políticas dificilmente vamos conseguir dar passos mais eficientes para o desenvolvimento da civilização.

Neste momento, as políticas da contemporaneidade devem construir uma nova coletividade, mais inclusiva, mais reflexiva e verdadeiramente plural, sem o predomínio do individualismo e da concorrência degradante, fazendo com que a tecnologia e a ciência sirvam para o bem-estar de todos os grupos sociais ao invés de um pequeno grupo de privilegiados e num ambiente marcado por pobreza e degradações, como estamos visualizando na sociedade contemporânea.

## **Incertezas econômicas**

A sociedade mundial vem passando por momentos de grandes inquietações e incertezas em decorrência da pandemia, os desafios são gigantes e exigem líderes capacitados para compreender o momento que estamos vivendo e que consigam repensar as bases da economia e da sociedade. Cabem as lideranças encontrar novas oportunidades e caminhos, construindo esperanças e perspectivas para o futuro imediato. Ao mesmo tempo a pandemia nos mostra que está surgindo uma nova sociedade, a anterior está ficando para trás, precisamos reconstruir a economia em novas bases, criando empregos, melhorando as condições sociais e investindo em uma nova sociedade, vendo as tecnologias como aliadas, abrindo novas possibilidades e criando esperanças.

A economia prescinde de regras claras e de instituições estáveis. Os investimentos

produtivos precisam de um ambiente de confiança e de perspectivas positivas. Sem estabilidade não conseguimos despertar o espírito animal dos empresários, como relatado pelo economista austríaco Joseph Schumpeter, cujas contribuições para o desenvolvimento econômico foram fundamentais, mostrando a relevância do empreendedorismo, da inovação e daquilo que chamou de destruição criadora, um momento dinâmico onde novos paradigmas superam estruturas ultrapassadas, destruindo negócios e criando novas oportunidades.

Neste momento, percebemos que as incertezas crescem em todos os países. Os indicadores negativos pressionam os governos e os mercados, de um lado, percebemos as dificuldades da pandemia e, de outro lado, vislumbramos a degradação dos indicadores sociais. Diante deste momento precisamos construir novos consensos, fortalecendo a economia e as estruturas produtivas, criando

estabilidade e confiança, sem elas não teremos investimentos produtivos, incremento do desemprego e aumento da instabilidade política.

A economia brasileira vem apresentando performance medíocre, taxas reduzidas de crescimento econômico, perspectivas de inflação, incremento da dívida pública, aumento das desigualdades, degradação das condições sociais e incrementando a violência urbana. A economia precisa diminuir as incertezas, precisamos construir consensos políticos e estabilidades, sem regras consistentes, sem equilíbrio orçamentário, com inseguranças na condução econômica, dificilmente o país conseguirá galgar novos espaços de crescimento nos próximos anos.

Diante deste cenário de incertezas, marcadas por pandemias e instabilidades, percebemos mudanças inimagináveis, instituições tradicionalmente ortodoxas e críticas dos

investimentos estatais, como o Banco Mundial e o Fundo Monetário Internacional, estão sugerindo novos investimentos governamentais para superar este momento de fragilidades estruturais. Sem os investimentos públicos como alavanca econômica, os custos sociais aumentarão imensamente, gerando impactos políticos e instabilidades, aprofundando os fossos entre as classes sociais.

Os investimentos privados são fundamentais na recuperação econômica, o espírito animal dos empreendedores é imprescindível, para isso, faz-se necessário que o Estado defina uma agenda de prioridades econômicas e políticas. Intervenções devem ser pactuadas, as agendas de emprego são urgentes e emergenciais, cabendo ao Estado definir as políticas públicas dos próximos anos. Sem elas, corremos o risco de mergulharmos numa situação de deflagração social que jamais imaginamos. Neste momento de grandes

incertezas e instabilidades, precisamos lembrar o grande mestre o economista Celso Furtado, que numa de suas obras destacou que os grandes problemas brasileiros não são econômicos, como muitos acreditam, mas sim os problemas políticos.

## **Medos contemporâneos**

O mundo vem passando por grandes transformações, de um lado percebemos alterações profundas nas estruturas econômica e produtiva, aumento da tecnologia, fortalecimento dos setores financeiros, aumento do desemprego, novas exigências nos mercados, incremento dos conflitos culturais e degradação do meio ambiente, de outro, uma pandemia que espalha destruição em todos os continentes, mortes, medos e preocupações generalizadas, cujos impactos são os desequilíbrios emocionais, afetivos, financeiros e psicológicos, diante disso, percebemos a necessidade de reconstruir as bases da sociedade global.

O crescimento tecnológico ganhou espaço em todas as sociedades, as máquinas aumentam a produtividade do trabalho, garantem o crescimento das riquezas, o mercado de consumo passa por mudanças variadas,

consolidando os mercados virtuais, as compras geram novos prazeres e satisfações, criando novas necessidades e aquisições, levando aos indivíduos os sabores do consumo desenfreado.

A tecnologia deve ser vista como uma grande conquista para a civilização, os benefícios devem ser socializados para todas as comunidades, enquanto estes frutos do conhecimento ficarem restritos a pequenos grupos da sociedade, os conflitos tendem a crescer de forma acelerada, gerando pulsões de medos e ressentimentos e, num período posterior podem gerar degradações e violências.

Nesta sociedade, os conflitos estão aumentando, os medos estão se mostrando cada mais evidentes, os grupos sociais estão em confrontos, todos buscando seus interesses imediatos, defendendo seus grupos sociais e esquecendo os interesses maiores da

sociedade. Neste momento, muitos grupos sociais carecem de condições mínimas de sobrevivência, o desemprego e o subemprego crescem de forma acelerada, criando uma massa crescente de indignidade, consolidando um caldo de desesperança e de revolta. Numa sociedade, como a brasileira, percebemos que mais de cem milhões de pessoas não possuem saneamento básico, ruas sem asfaltos, água encanada e muito menos acesso a internet, uma coletividade que vive no século XXI mas traz, para seu desespero geral, o atraso e a degradação do século XIX, com isso, os medos contemporâneos alimentam as violências e as desesperanças.

Na pandemia, percebemos a importância da ciência, do conhecimento e da pesquisa, neste momento de medos que consumiram mais de 6 milhões de pessoas na sociedade mundial, um dos maiores aprendizados da sociedade contemporânea foi a união dos cientistas e pesquisadores de inúmeras nacionalidades,

que conseguiram responder rapidamente com uma vacina em período recorde de tempo, mostrando a todos a relevância da união de esforços em prol da comunidade.

A pandemia está nos trazendo vários ensinamentos valiosos para a comunidade internacional, dentre elas, destacamos a união dos povos, das comunidades científicas e pesquisadores, viabilizando a vacina e combater os males do coronavírus, um desafio global que exigem dedicação e investimentos de todos os governos, superando este modelo centrado na concorrência e na competição, substituindo por novos paradigmas de cooperação e de auxílios, deixando de lado os interesses mesquinhos e imediatos em prol de uma sociedade mais igualitária, mais civilizada, onde todos os cidadãos possam participar dos frutos do progresso pela tecnologia, transformando os medos contemporâneos e as desesperanças em espaços de esperança e de solidariedade.

## **Perspectivas**

Estamos chegando o final de mais um ano, o ano de 2020 está acabando, trazendo inúmeras dificuldades, desafios e desequilíbrios. Dentre as grandes deficiências geradas pelo ano, é importante destacar as dores geradas pela pandemia, com destruições generalizadas, mortes, degradações e deixando claro nossas deficiências mais íntimas, desnudando nossas desigualdades, limitações e dificuldades em todos os campos, desde o econômico, o político, o social, o emocional, o psicológico e cultural.

No campo econômico percebemos nossa desigualdade mais íntima, nossa sociedade se caracteriza por inúmeras estruturas sociais, uma pequena parte se caracteriza por uma rápida adaptação, flexível e dinâmica, dotada de máquinas e equipamentos sofisticados características do mundo do conhecimento,

aptos pelo trabalho remoto, com home office, protegido e isolados. De outra lado, percebemos uma parcela significativa da sociedade que carece de saneamento básico, sem água encanada, sem empregos, sem internet, sem iluminação decente e sem perspectivas de sobrevivência digna, desta forma, grande parte da sociedade tem dificuldade para fazer isolamento social. Vivemos em um ambiente marcado pelo desenvolvimento da tecnologia, onde o conhecimento se tornou o grande ativo social, neste ambiente percebemos que estamos longe do mundo da informação, gerando graves atrasos do capital humano na nação, salários baixos e produtividade reduzida no trabalho.

Neste momento de pandemia, de incertezas e de instabilidades crescentes, a sociedade precisa construir um novo projeto de desenvolvimento econômico, priorizando os setores reais da economia, a geração de

emprego e o incremento da renda agregada, aproveitando o grande contingente de trabalhadores que foram alijados dos setores produtivos, dinamizando a economia nacional, reduzindo as desigualdades regionais, investindo em ciência, pesquisa e tecnologia e garantindo novos investimentos produtivos, aumentando a arrecadação de impostos, dos tributos e ampliando os recursos do Estado, garantindo ampliar os direitos e os deveres da sociedade.

A pandemia pode estimular novas reflexões, o desenvolvimento pode ser incrementado através de um projeto nacional, concatenado entre todos os setores econômicos, financeiros e produtivos, deixando de lado interesses imediatos e individuais, construindo um modelo de desenvolvimento que una os setores industriais, o agronegócio, as universidades públicas e privadas, os centros de pesquisas, os sindicatos, os trabalhadores, os setores do comércio e dos serviços, além de bancos e

financeiras. Neste momento, para o desenvolvimento econômico é necessário um projeto que una a sociedade em prol do crescimento econômico que vise a construção da nação, evitando e superando um modelo predatório como utilizado atualmente, atrasado, concentrador de renda, baseado em taxas de juros escorchantes, centrado na tributação do consumo, que garanta benesses a um pequeno grupo de endinheirados em prol da miséria de uma grande parcela da sociedade, reconhecendo que temos potencial para sermos uma economia empreendedora, soberana e autônoma.

Estamos num momento crucial para a sociedade, garantindo novos investimentos do meio ambiente e na diversidade cultural, precisamos tomar as rédeas do crescimento econômico e, com isso, construir o desenvolvimento da nação. Precisamos construir um futuro consciente, sabendo das potencialidades e das dificuldades e dos

desafios, melhorando as vantagens comparativas e garantindo novos espaços para a atuação da população, construindo empregos dignos e investimentos produtivos, reduzindo as desigualdades sociais, diminuindo os hiatos existentes na educação, melhorando as oportunidades e garantindo para todos os trabalhadores um verdadeiro discurso da meritocracia.

## **Desastres Inevitáveis**

Estamos chegando o final de mais um ano, o ano de 2020 está acabando, trazendo inúmeras dificuldades, desafios e desequilíbrios. Dentre as grandes deficiências geradas pelo ano, é importante destacar as dores geradas pela pandemia, com destruições generalizadas, mortes, degradações e deixando claro nossas deficiências mais íntimas, desnudando nossas desigualdades, limitações e dificuldades em todos os campos, desde o econômico, o político, o social, o emocional, o psicológico e cultural.

No campo econômico percebemos nossa desigualdade mais íntima, nossa sociedade se caracteriza por inúmeras estruturas sociais, uma pequena parte se caracteriza por uma rápida adaptação, flexível e dinâmica, dotada de máquinas e equipamentos sofisticados características do mundo do conhecimento,

aptos pelo trabalho remoto, com home office, protegido e isolados. De outra lado, percebemos uma parcela significativa da sociedade que carece de saneamento básico, sem água encanada, sem empregos, sem internet, sem iluminação decente e sem perspectivas de sobrevivência digna, desta forma, grande parte da sociedade tem dificuldade para fazer isolamento social. Vivemos em um ambiente marcado pelo desenvolvimento da tecnologia, onde o conhecimento se tornou o grande ativo social, neste ambiente percebemos que estamos longe do mundo da informação, gerando graves atrasos do capital humano na nação, salários baixos e produtividade reduzida no trabalho.

Neste momento de pandemia, de incertezas e de instabilidades crescentes, a sociedade precisa construir um novo projeto de desenvolvimento econômico, priorizando os setores reais da economia, a geração de

emprego e o incremento da renda agregada, aproveitando o grande contingente de trabalhadores que foram alijados dos setores produtivos, dinamizando a economia nacional, reduzindo as desigualdades regionais, investindo em ciência, pesquisa e tecnologia e garantindo novos investimentos produtivos, aumentando a arrecadação de impostos, dos tributos e ampliando os recursos do Estado, garantindo ampliar os direitos e os deveres da sociedade.

A pandemia pode estimular novas reflexões, o desenvolvimento pode ser incrementado através de um projeto nacional, concatenado entre todos os setores econômicos, financeiros e produtivos, deixando de lado interesses imediatos e individuais, construindo um modelo de desenvolvimento que una os setores industriais, o agronegócio, as universidades públicas e privadas, os centros de pesquisas, os sindicatos, os trabalhadores, os setores do comércio e dos serviços, além de bancos e

financeiras. Neste momento, para o desenvolvimento econômico é necessário um projeto que una a sociedade em prol do crescimento econômico que vise a construção da nação, evitando e superando um modelo predatório como utilizado atualmente, atrasado, concentrador de renda, baseado em taxas de juros escorchantes, centrado na tributação do consumo, que garanta benesses a um pequeno grupo de endinheirados em prol da miséria de uma grande parcela da sociedade, reconhecendo que temos potencial para sermos uma economia empreendedora, soberana e autônoma.

Estamos num momento crucial para a sociedade, garantindo novos investimentos do meio ambiente e na diversidade cultural, precisamos tomar as rédeas do crescimento econômico e, com isso, construir o desenvolvimento da nação. Precisamos construir um futuro consciente, sabendo das potencialidades e das dificuldades e dos

desafios, melhorando as vantagens comparativas e garantindo novos espaços para a atuação da população, construindo empregos dignos e investimentos produtivos, reduzindo as desigualdades sociais, diminuindo os hiatos existentes na educação, melhorando as oportunidades e garantindo para todos os trabalhadores um verdadeiro discurso da meritocracia.

## **Nova década perdida**

O final de 2020 marcou o término da segunda década do século XXI, um período marcado por inúmeras crises políticas e econômicas, com repercussões negativas para grande parte da sociedade, levando trabalhadores a perda de algumas conquistas históricas sociais, o incremento da instabilidade gerada pela pandemia que assola a comunidade internacional, o aumento no desemprego, o endividamento das nações e das desesperanças.

No caso brasileiro, percebemos que a sociedade vem passando por grandes instabilidades e reduzido crescimento econômico nos últimos quarenta anos, saindo de um momento de euforia no período entre os anos 1930 e 1980, que colocou o país dentre as economias que mais cresciam no cenário global, elevando o país entre as 10 maiores economias do mundo. Este cenário se

transformou desde o começo dos anos 1980, motivados pelos desajustes econômicos, gerados pelo crescimento da inflação e o aumento na dívida externa, além de grandes conflitos políticos não resolvidos, condenando o país a grandes instabilidades políticas, desindustrialização, aumento da pobreza e da exclusão social.

A década atual (2011-2020) está sendo a pior em termos de crescimento econômico dos últimos 120 anos, período pior do que os anos 1980, conhecido na literatura econômica como “década perdida”. Observando os dados industriais do IBGE, percebe-se que, atualmente, a indústria está 15% abaixo de 2011, gerando uma queda do contingente empregado neste setor. A pior consequência deste período de fraqueza da atividade econômica é o alto desemprego e a situação do mercado de trabalho, com dezenas de milhões de brasileiros numa situação de vulnerabilidade social, com impacto sobre a

recuperação econômica e piora das condições sociais.

Neste período de quase quarentas anos o Brasil passou por grandes instabilidades econômicas, moratória, hiperinflação, movimentos sociais, inúmeros planos econômicos, endividamentos públicos, crises cambiais, dois impeachments, inúmeras crises políticas, degradações da democracia, operações de combate a corrupção, rivalidades políticas, ativismo judicial, dentre outras. Neste ambiente de crises constantes, onde os grupos sociais se degradam uns aos outros, onde os grupos econômicos criticam a atuação do Estado Nacional e, ao mesmo tempo, constantemente batem nas portas deste mesmo Estado para angariar proteção e a manutenção dos seus privilégios.

Neste ambiente nos esquecemos dos conceitos de desenvolvimento econômico, centrados no planejamento e na supervisão

governamental, onde todos os grupos econômicos devem dar sua contribuição, com a integração do Estado e do Mercado, sem rivalidades e degradações, trabalhando juntos e de forma integrada, cada um desempenhando seus papéis. Como foi feito por todos os países que conseguiram alçar suas estruturas econômicas a patamares mais elevados, melhorando as condições sociais da população, aperfeiçoando os serviços públicos para todos os grupos sociais, garantindo saúde, educação e segurança para todos os cidadãos, não apenas aos poucos grupos privilegiados.

Num ambiente marcado pelo crescimento da competição e da concorrência entre os agentes econômicos, onde o desenvolvimento prescinde de novos atores econômicos centrados em novas indústrias, baseados em conhecimento, em pesquisa científica e tecnologia, onde o capital humano se transformou no grande ativo da sociedade

contemporânea. Neste ambiente, todas as nações que negligenciarem estes ativos intangíveis, deixando de lado o conhecimento, as pesquisas científicas e as universidades, ficarão mais atrasados nesta competição global, inviabilizando o desenvolvimento econômico, empobrecendo a sociedade e condenando a população a momentos sombrios para toda a coletividade.

## **Desenvolver tecnologias**

A pandemia está transformando a sociedade, desnudando suas limitações e mostrando as dificuldades mais intensas das sociedades, no caso do Brasil, percebemos que a situação é assustadora, de um lado percebemos muitas limitações estruturais que não foram criadas pela pandemia, mas está mostrando como o país vem perdendo espaço na sociedade global, como sua economia está perdendo na economia global, que os problemas sociais estão ficando cada vez mais assustadores e as perspectivas futuras são preocupantes.

Nos últimos anos a estrutura produtiva vem perdendo espaço na economia internacional, a indústria nacional perdeu dinamismo e estamos nos concentrando em setores que criam produtos de baixo valor agregado, gerando empregos com remunerações reduzidas e perdendo profissionais altamente qualificados, que passam a buscar novas

oportunidades em outros países, diante disso, estamos perdendo cérebros fundamentais para o fortalecimento das estruturas produtivas, diminuindo a dependência dos mercados globais de produtos de valor alto agregado e estimulando o dinamismo da economia nacional.

As universidades têm um papel central na coordenação de novas estratégias de desenvolvimento, organizando setores dinâmicos, motivando investimentos produtivos e extraíndo dos setores mais empreendedores da sociedade espaços de inovação, na construção de novas tecnologias, investindo em pesquisas científicas e tecnológicas, introduzindo nas escolas, nas faculdades e centros de pesquisas mentalidades do desenvolvimento de novos conhecimentos. Estas estratégias exigem que desenvolvamos novas tecnologias e não apenas nos concentremos apenas no consumo destas tecnologias, criando salários melhores e

profissionais mais motivados, dinamizando o mercado interno, fortalecendo o crédito e estimulando o crescimento econômico e culminando no tão sonhado desenvolvimento.

A coordenação deste modelo deve ser feita pelo governo, juntando todos os eixos em prol do desenvolvimento tecnológico, os setores passarão a construir internamente, via planejamento, setores dinâmicos, ocupando profissionais altamente qualificados, cobrando das universidades a formação de profissionais mais capacitados, estimulando inovações científicas, pesquisando e garantindo para os estudantes e, posteriormente, profissionais formados, espaços para que surjam novos empregos, melhor remuneração, maior empregabilidade e gerando desenvolvimento.

Neste momento, devemos buscar exemplos exitosos do desenvolvimento econômico, como o da Coréia do Sul que, nos anos 50 era produtora de mercadorias de baixo valor

agregado, dependentes de outras economias e uma sociedade pobre, marcada pela miséria e sem perspectivas de desenvolvimento. Atualmente, percebemos uma situação altamente complexa em sua estrutura econômica, produtora de tecnologias, máquinas e desenvolvimento científico, com atuação conjunta dos dois grandes grupos sociais da sociedade, o Estado e do Mercado.

O desenvolvimento prescinde de planejamento a longo prazo, construindo um ecossistema econômico centrado na inovação, no conhecimento e na pesquisa científica, fortalecendo instituições independentes e eficientes. Este projeto deve unir todos os setores da sociedade, investindo em setores fundamentais para a economia, estimulando o agronegócio, reconstruindo a indústria nacional, investindo e melhorando o capital humano, preservando o meio ambiente, desta forma, o país conseguirá enfrentar os grandes desafios do mundo contemporâneo, reduzindo

as deficiências educacionais, garantindo oportunidades para todos os grupos sociais e consolidando os sonhos de muitos brasileiros e estrangeiros ilustres de que o Brasil é o país do futuro.

## **Visão sistêmica**

A sociedade vem passando por inúmeras transformações em todas as áreas e setores, exigindo dos agentes econômicos e políticos uma análise mais sistêmica dos grandes problemas nacionais, evitando visões centradas apenas em questões conjunturais e se esquecendo de uma reflexão estruturada e consistente. Sem esta análise, os gestores se concentram em análises imediatas e se esquecem de análises mais estratégicas sobre os rumos das sociedades, querem medidas que tragam ganhos substanciais rapidamente e se esquecem que as grandes alterações devem ser construídas de forma consistente e estruturada.

No mundo contemporâneo, um dos maiores desafios para os gestores públicos, intelectuais e formadores de políticas governamentais é enxergar os problemas da sociedade de forma mais sistêmica. A grande maioria destes

gestores percebem apenas um dos lados do processo, deixando de lado outros eixos desta equação, diante disso, as políticas adotadas acabam gerando desajustes na sociedade, faltando uma visão sistêmica e estruturada sobre o comportamento da coletividade.

Nesta visão limitada, percebemos que as medidas apenas visam uma resolução imediata, resolvendo parcialmente o problema e posteriormente, percebemos que o desafio fica ainda maior, os desajustes são mais intensos e as medidas necessárias exigem políticas maiores e mais efetivas. Muitos gestores defendem medidas de austeridade e redução dos benefícios sociais acreditando que, desta forma, com estas medidas a economia vai se recuperar e voltar ao tão sonhado crescimento econômico e esquecem que o sistema econômico é muito mais complexo e dinâmico do que muitos gestores acreditam. Menos investimentos na economia geram menos empregos, diminuição do

consumo, redução das vendas e dos lucros dos agentes produtivos, levando a economia a comportamentos recessivos.

A sociedade brasileira durante séculos conviveu com iniquidades sociais, políticas e econômicas, gerando uma sociedade marcada por grandes pulsões de pobreza e de indignidades, onde uma pequena parcela da sociedade vive envolta nas benesses da tecnologia, enquanto uma parte convive com trabalhos precários, recursos financeiros limitados, educação de baixa qualidade e grandes dificuldades de sobrevivência.

Nesta sociedade, chegamos num momento marcado por tantas iniquidades que se não conseguirmos, enquanto sociedade, adotar políticas mais equilibradas e inclusivas, com distribuição mais equânimes dos recursos econômicos para todos os grupos sociais, com trabalhos mais dignos e decentes, percebendo uma grande convulsão social, contrariando,

como destacou o sociólogo Sérgio Buarque de Holanda, de que o povo brasileiro é cordial.

Vivemos uma sociedade marcada por grandes degradações econômicas, sociais e políticas, caminhando a passos largos a um processo de ruptura e de convulsão social. Os sinais desta degradação são nítidos e a pandemia deixa mais clara esta situação. Recentemente percebemos o incremento da desindustrialização, com isso, estamos perdendo empresas, investimentos para a geração de emprego e renda e reduzindo as perspectivas positivas para a coletividade. O mundo se transforma muito rapidamente, exigindo das sociedades investimentos em pesquisa e capital humano, em redução das desigualdades sociais e aumento das oportunidades para todos os grupos sociais. Vivemos num momento de grandes desafios e, ao mesmo tempo, de novas oportunidades, exigindo lideranças capacitadas e conscientes das potencialidades. Sem estas diretrizes, o

país tende a acumular mais uma década perdida com a degradação dos indicadores sociais, com violências, exclusões e novas convulsões sociais, cujas consequências são inevitáveis e assustadoras.

## **Dependência e subordinação**

A globalização foi um dos processos mais intensos de transformação da sociedade mundial das últimas décadas, cujos impactos foram crescentes em todas as regiões do mundo, gerando ganhos substanciais para todos os agentes sociais, com desafios enormes e perdas consideráveis. De um lado, alguns países conseguiram crescer na escala tecnológica e incluírem suas populações, de outro lado, percebemos uma degradação interna, aumento do desemprego e desindustrialização.

No período pós-segunda guerra, auge da exportação do modelo de produção fordista, a sociedade norte-americana se transformou no centro hegemônico da economia internacional, exportando suas empresas, sua cultura, seus filmes, seu consumo, sua moeda e sua forma de enxergar o mundo, centrado no American Way of life. Neste momento a sociedade norte-

americana dominava o mundo, aumentando a dominação dos países e estimulava seu alinhamento como forma de garantir novos mercados consumidores e, ao mesmo tempo, uma forma de evitar que os países se alinhassem ao modelo soviético, um período marcado por incertezas, rivalidades e altos investimentos militares, que impulsionaram a ciência, as pesquisas e os conhecimentos científicos.

No período 1945/1973 o mundo viveu um momento de grande crescimento econômico, forte intervenção do Estado, incremento do emprego, melhorias crescentes da renda e dos salários, período denominado por “Era Dourada”, termo cunhado pelo historiador Eric Hobsbawn. A situação começou a se inverter no final dos anos 70, quando da crise da dívida externa levou a sociedade brasileira à bancarrota, dívida externa crescente e inflação acelerada, gerando incertezas e preocupações fiscais e financeiras, sucumbindo a adoção de

um projeto autônomo e dependente, cujos reflexos estão claros nas dificuldades econômicas e políticas atuais.

No início dos anos 80, o parque industrial brasileiro era maior do que os somados da China e da Coréia, com isso, percebemos que nos últimos 40 anos a economia brasileira perdeu espaço na economia global. A indústria nacional perdeu fôlego e percebemos, na contemporaneidade, espaços crescentes de desindustrialização, nos tornando um exemplo claro de país que se caracteriza por uma desindustrialização precoce, perdendo espaço para países asiáticos, que se tornaram os grandes produtores da indústria mundial, ganhando espaços na economia internacional, melhorando os indicadores sociais, incrementando os salários e a ascensão de milhões de trabalhadores que passaram a se instalar nos meios urbanos.

Alguns países asiáticos, dentre eles destacamos a China e a Coréia, estão conseguindo superar a armadilha da classe média, levando suas populações a saltos tecnológicos, construindo empresas globais e abrindo espaço para participarem ativamente do cenário internacional. Empresas que anteriormente eram locais e pouco representativas na sociedade global, passaram a ganhar relevância e se transformaram em grandes conglomerados internacionais, como LG, Samsung, Hyundai, Kia, Tencent, Alibaba, Lenovo, Huawei, Xiaomi, Chery, dentre outras.

Estas empresas nasceram e se desenvolveram da integração entre Estado e Mercado, onde os dois agentes se integraram em torno de um projeto nacional em prol do desenvolvimento econômico, deixando de lado o antagonismo entre Estado X Mercado, que existe na sociedade brasileira, perpetuando as desigualdades internas e a dependência da economia internacional. Na pandemia,

percebemos a dependência de produtos estrangeiros, ausência de insumos relevantes para a confecção das vacinas, mostrando limitações internas na construção de um projeto nacional, enfatizando uma sociedade dependente e subordinada dos grandes grupos globais.

## **O mito do progresso**

A pandemia está desnudando as condições sociais da sociedade internacional, mostrando as negatividades que foram construídas nas últimas décadas, deixando uma sociedade refém das desigualdades e da desesperança, criando medos e instabilidades que levam os seres humanos a preocupações crescentes, ansiedades, depressões e o incremento do suicídio em todas as regiões do mundo. De outro lado, neste momento percebemos que o sistema econômico dominante garante a um reduzido grupo, mas forte econômica e politicamente, o poder e o controle dos recursos monetários, os instrumentos de comunicação, os valores que transitam nas Bolsas globais, os costumes e os comportamentos.

A pandemia está trazendo novos instrumentos de reflexão, o caos gerado pelo vírus mostra como somos frágeis, nos mostra ainda que

não estamos capacitados por uma grande degradação econômica e sanitária, os consensos são frágeis e os recursos são concentrados, onde uma pequena parte, algo em torno de 1% da sociedade global, concentrava, em 2018, mais de 85% das riquezas geradas no mundo, perpetuando as desigualdades sociais, levando-nos a indagarmos se o mundo contemporâneo está progredindo ou estamos caminhando a passos largos para uma convulsão social, cujos impactos são impossíveis de serem mensurados.

O desenvolvimento da tecnologia foi assustador nos últimos anos, o crescimento das áreas da saúde, como percebemos neste momento de pandemia, cujas pesquisas culminaram em várias vacinas num período recorde, criando possibilidades e esperanças. O crescimento nas áreas da comunicação e das finanças estão contribuindo para incluir milhões de pessoas, levando a todos os

continentes informações e recursos financeiros, dinamizando as regiões e impulsionando novos espaços de produção e de empreendedorismo, com impactos positivos.

Os benefícios da tecnologia são inquestionáveis, doenças que facilmente poderiam levar o ser humano ao óbito, na atualidade, podem ser facilmente tratadas, melhorando a qualidade de vida e o bem-estar social, levando os indivíduos a transformarem suas vidas, abrindo novos mercados de consumo e novas oportunidades para os trabalhadores, com incremento da expectativa de vida. Ao mesmo tempo, temos que refletir sobre os grandes ganhadores deste progresso, onde uma parte da população está desprovido destes benefícios. Neste momento, perceberemos um grande contingente de trabalhadores, estimados em 2 bilhões de pessoas, que vivem em residências sem saneamento básico, sem o mínimo acesso à

internet, sem serviços de saúde, inexistência de proteção social, sem escolas decentes e perspectivas degradantes, nesta situação, percebemos que a desigualdade está crescendo de forma acelerada, perpetuando pobreza e indignidades.

Neste ambiente, percebemos discursos centrados na meritocracia, numa sociedade tão marcada por iniquidade, onde as oportunidades inexistem para uma grande parte das pessoas, o discurso do mérito perde a efetividade e a legitimidade, contribuindo para aumentar as frustrações e as desesperanças que permeiam a sociedade contemporânea.

O verdadeiro progresso da humanidade deve melhorar a qualidade de vida e o bem-estar da grande parte da sociedade, garantindo novas oportunidades, melhorias educacionais, incremento dos serviços de saúde dos indivíduos, empregos dignos e bem

remunerados. O sonho do progresso é possível desde que os desafios sejam enfrentados de frente, na sociedade global as discussões sobre a desigualdade crescem de forma acelerada, instituições mais ortodoxas e conservadoras estão advogando políticas públicas mais efetivas para combater esta desigualdade, percebendo que dentre os maiores desafios do capitalismo mundial é criar novos espaços de sobrevivências digna e decente, evitando que a sociedade caminhe para a barbárie, a convulsão social e a degradação dos seres humanos.

## **Reconstrução nacional**

O mundo contemporâneo está vivendo grandes transformações em todos os setores, desde questões comportamentais, dos relacionamentos, das estruturas produtivas, das bases sociais, das relações políticas e das culturais. Dentre as grandes mudanças da sociedade, os grupos sociais estão em confrontos abertos, gerando desequilíbrios e constrangimentos variados, uns buscando seus interesses imediatos, lutando por maiores benefícios monetários e financeiros, garantindo seus poderes econômicos e a manutenção de seus ganhos políticos. Nesta situação, percebemos que estamos caminhando a passos largos a um grande conflito social, com claros desequilíbrios econômicos e políticos, que podem culminar em grandes rupturas institucionais e impactos sobre a democracia.

Vivemos num momento de reconstrução nacional, os impactos da pandemia se

disseminam para todos os setores econômicos e sociais, com graves preocupações políticas, diante disso, precisamos de um sólido projeto de reconstrução nacional, onde todos os grupos sociais precisam contribuir, de forma democrática e transparente, em prol da reconstrução nacional, onde o cidadão volte a ter orgulho deste país. Neste momento, precisamos reconstruir a economia brasileira, melhorando os ambientes de atuação dos setores mais empreendedores, garantindo empregos dignos e bem remunerados, estimulando um mercado consumidor consolidado, impulsionando o espírito inovador do setor privado, aumentando os investimentos produtivos e a melhoria das condições de vida da população. Nesta reconstrução precisamos reduzir os ganhos do rentismo e garantindo a construção de um pacto nacional em prol dos setores econômicos e produtivos, para isso, precisamos de uma união entre todos os grupos sociais, econômicos e políticos.

A pandemia nos trouxe grandes prejuízos, milhares de pessoas morreram, uma parcela substancial da população perdeu renda, os empregos foram reduzidos e a pobreza cresce de forma acelerada. Além dos impactos da pandemia, percebemos ainda os impactos das grandes transformações do capitalismo contemporâneo, que estão gerando o incremento da tecnologia, a redução dos postos de trabalhos formais e grandes preocupações em setores inteiros, gerando medos e desesperanças, levando os trabalhadores a buscarem requalificação profissional e investimentos na capacitação. Neste momento de transição na economia global, a atuação dos Estados Nacionais é fundamental, receita recomendada por todos as grandes instituições multilaterais, mostrando o nascimento de uma nova agenda econômica que, infelizmente, ainda não se faz presente nos gestores da política econômica, que insistem no discurso de austeridade e da redução dos gastos públicos, receituário

abandonado pelo próprio Banco Mundial, pelo Fundo Monetário Internacional e pela Secretária do Tesouro, que recentemente destacou a importância dos gastos públicos na reconstrução da economia, ainda mais num momento marcado por incertezas e instabilidades gerados pela pandemia.

Neste momento, precisamos modernizar nosso discurso econômico, abandonando o excesso de ortodoxia e reduzindo a austeridade fiscal, cujos impactos são negativos, com a destruição das relações sociais e o aumento das desigualdades. Neste novo consenso econômico, precisamos de uma visão mais sistêmica dos problemas sociais, atuando conjuntamente para reconstruir a sociedade nacional, colocando no centro das decisões econômicas, os investimentos em capital humano, em pesquisas científicas e tecnológicas, na melhoria dos setores da saúde e da educação, setores muitos fragilizados na pandemia. Estes investimentos

podem alavancar a economia nacional, construindo aspirações audaciosas na comunidade internacional, mostrando que a riqueza nacional não se restringe a uma economia exportadora de produtos primários, como no período colonial, mostrando para a comunidade internacional que, além de um setor primário pujante e empreendedor, somos uma nação industrializada e dotada de um setor de serviços modernos e capacitados para superar os desafios do mundo contemporâneo, marcados pela concorrência e pelas instabilidades produtivas.

## **Estado empreendedor**

O mundo da pandemia está transformando muitos conceitos importantes e comportamentos cotidianos da sociedade internacional, teorias e reflexões que eram aceitas com naturalidade estão sendo transformadas e repensadas, levando a intelectualidade e os gestores públicos e privados a reverem as novas teorias e novas reflexões, adaptando as situações, reconstruindo novos desafios e oportunidades.

As novas visões que estão surgindo passam a nortear as políticas sociais e os gastos públicos, levando os especialistas a repensarem as prioridades e construir novos consensos. Novas ideias demoram para nascer, os conceitos anteriores resistem, neste momento percebemos os combates em curso na sociedade, gerando conflitos, constrangimentos e expectativas. Neste momento de reflexões e de avanço da

pandemia, perceberemos os rumos da sociedade nos próximos anos, fazendo escolhas entre os grupos mais abonados ou, os grupos sociais que, historicamente, tiveram trajetórias de espoliação, de exploração e da degradação, neste embate perceberemos os caminhos que vamos trilhar no futuro imediato.

Neste momento, devemos abandonar o Estado inchado e excessivamente intervencionista, marcado por grandes investimentos faraônicos e desnecessários, mas devemos rechaçar um Estado mínimo que deixa os movimentos restritos aos interesses do capital, que buscam apenas os ganhos imediatos e se esquecem dos movimentos estratégicos de longo prazo. Precisamos construir um novo modelo de Estado, que atue como indutor do desenvolvimento econômico, fortalecendo os estímulos do empreendedorismo das empresas e dos cidadãos, investindo em setores sociais, capacitando o capital humano, melhorando os setores da educação e da

saúde, investindo em pesquisas científicas e tecnológicas, moldando as instituições reguladoras para coibir os excessos, protegendo setores nacionais e cobrando desempenhos, deixando de lado a proteção sem cobranças que construíram estruturas industriais fragilizadas, onde os empresários acumularam fortunas e suas empresas dependiam dos benesses estatais e incapazes de concorrer no ambiente global.

Este Estado moderno deve induzir o desenvolvimento econômico e a melhoria do bem-estar da coletividade, cobrando todos os setores que receberam subsídios tributários e financeiros. Reduzindo os privilegiados de setores que ganham variados benesses e contribuem muito pouco com a consolidação institucional do país, setores que sobrevivem através das benesses do Estado, sem contrapartidas e sem condições de participar ativamente deste momento de reconstrução nacional, inconscientes dos desafios e das

oportunidades que abrem no mundo da pós-pandemia.

Os recursos econômicos e financeiros são escassos e limitados, o Estado empreendedor deveria se destacar pela transparência, pela cobrança dos setores produtivos, motivando a competição no ambiente internacional, construindo infraestrutura moderna, investindo na excelência educacional, mas ao mesmo tempo, investindo no aumento da capacidade produtiva, gerando novas oportunidades para os trabalhadores, impulsionando o setor industrial, o agronegócio e os setores de serviços, garantindo instrumentos para concorrer com os melhores atores da economia global. Precisamos analisar a economia não apenas pelo lado da oferta, mas nos setores da demanda, garantindo maiores empregos, salários e rendimentos dignos para sua sobrevivência e para seus descendentes.

O mundo contemporâneo não tem mais espaço para o conflito entre o Estado e o Mercado, vivemos num momento marcado pelo crescimento da informação e pelo conhecimento, os países que ganharam espaços na comunidade global se caracterizaram pela integração e pela estruturação dos grandes agentes sociais, unindo forças entre Estado e Mercado. A nova sociedade mundial precisa aprender a compartilhar conhecimentos, respeitar as diferenças e unir forças, sem esta união rumamos para uma sociedade sem perspectivas, sem rumos e sem esperanças.

## **Economia compartilhada**

A ciência econômica vem passando por grandes alterações estruturais desde o começo XXI, principalmente depois da crise imobiliária dos Estados Unidos que impactou sobre toda sociedade internacional, onde somamos o incremento das tecnologias das comunicações e da informação, alterando modelos estabelecidos e consistentes, contribuindo para a construção de novas estruturas produtivas e percebendo os grandes desafios para a sociedade global, dentre eles destacamos a degradação do Meio Ambiente, o crescimento da pobreza e da desigualdade, os conflitos culturais, o aumento da xenofobia e as preocupações crescentes do avanço da pandemia, que dizimou milhões de cidadãos nas mais variadas regiões do mundo.

O crescimento da tecnologia está destruindo novos modelos de negócios, até então tradicionais e consistentes, aproximando as

peessoas e construindo novos horizontes para as empresas, os governos e indivíduos, exigindo flexibilidades e agilidades, sob pena de perderem espaços nos mercados globais, sendo substituídos por novos concorrentes, mais consolidados e mais integrados nos modelos da sociedade do conhecimento.

Destacamos o crescimento da economia compartilhada, um modelo que ganha espaço em todas as regiões do mundo, mostrando novas perspectivas de desenvolvimento de negócio, contribuindo para o crescimento da economia e criando espaços para a integração de empreendedores e consumidores. Neste modelo, as pessoas trocam as compras dos produtos pelo uso dos serviços, motivando novas oportunidades de negócio. Este modelo de compartilhamento só é possível devido ao crescimento da internet e o crescimento do desenvolvimento de novos instrumentos de comunicação e de informação, aproximando

peessoas nas mais longínquas regiões do mundo, disponibilizando serviços variados.

Um dos mais exitosos modelos de compartilhamento foi a Netflix, que alterou comportamentos arraigados, criando espaços para assistir programas e séries, deixando de lado a posse física de produtos e passando a disponibilizar várias plataformas, uma verdadeira revolução, que destruiu modelos tradicionais e criou novos negócios para os setores sociais e culturais.

A economia do compartilhamento altera o modelo de produção do capitalismo contemporâneo, deixando de lado a posse dos produtos, dos bens e dos serviços. O novo modelo se preocupa com os limites do meio ambiente, contribuindo para a conscientização dos cidadãos, estimulando novas realidades sociais e ambientais, engajando a sociedade para nossos futuro comum.

A internet, a tecnologia e os conhecimentos científicos estão transformando as bases da sociedade, exigindo novos investimentos nos setores educacionais, nas pesquisas e na formação do capital humano, deixando conflitos e discussões desnecessárias e melhorando as discussões sobre os rumos de nossa sociedade, deixando questões conjunturais superficiais e estimulando novos espaços de discussão dos rumos do país. Esta discussão deve ser encabeçada por todos os agentes sociais e atores econômicos, construindo novos espaços de integração e compartilhando responsabilidades, com transparência e cobranças dos grupos envolvidos, deixando de lado interesses imediatos e corporativos em prol de interesses nacionais.

A economia do compartilhamento nos traz novos horizontes para a sociedade, seu impacto pode ser positivo para os seres humanos, mas é fundamental entendermos

que a construção de uma sociedade desenvolvida precisa incluir todos os grupos sociais, aumentando as oportunidades, incrementando investimentos em capital humano e na construção de uma agenda que olhe para todos os setores mais fragilizados da sociedade, sem esta visão, infelizmente, viveremos espasmos de crescimento econômico com empregos degradantes, violência crescente, conflitos generalizados e incremento de ódio e ressentimento, dessa forma não conseguiremos criar uma verdadeira nação.

## **Degradação econômica**

A pandemia está confirmando todas as previsões catastróficas feitas anteriormente pelos especialistas, vivemos num momento de degradação em todas as áreas, culminando no ambiente sombrio de desesperança e de incertezas. Em pleno século XXI, onde as tecnologias comandam a sociedade, aproximam as pessoas e estimulam a comunicação, estamos envoltos em medos, instabilidades e na ausência de empatia, nos sentimos inseguros, amedrontados e carecemos de lideranças e direcionamentos.

Recentemente, o governo divulgou os dados do produto interno bruto do ano passado, uma queda de 4,1%, pior indicador desde o começo dos anos 90, com sérios impactos sobre a sociedade, aumento no desemprego, queda do consumo, redução do investimento produtivo e degradações sociais. Os dados nos mostram que a economia brasileira está devastada, sem

capacidade de recuperação, exigindo atuação de todos os agentes econômicos, num verdadeiro acordo entre todos os grupos sociais, deixando as críticas de lado e construindo novos consensos políticos, sem estes os números da degradação tendem a piorar.

A gestão econômica é caótica, os resultados positivos estão sempre adiados, as promessas de emprego não se efetivam, o crescimento do subemprego é patente, as esperanças do empreendedorismo crescem, mas num ambiente de negócio cada vez mais degradado, as esperanças inexistem. Os dados econômicos mostram uma piora em muitos setores produtivos, levando muitas empresas a deixarem o mercado nacional, como grandes conglomerados internacionais que estão de saída, como a Ford, a Sony, a Mercedes e a Audi, aumentando o desemprego, a informalidade e espalhando um caos generalizado.

Os dados divulgados recentemente mostram ainda, que a queda seria mais acentuada se o governo não atuasse mais efetivamente para estabilizar a queda na renda agregada, adotando políticas públicas como o auxílio emergencial, o programa de apoio às pequenas e médias empresas (Pronampe), o programa de preservação de empregos formais e a recuperação da economia internacional, cujos impactos foram positivos. Mais uma vez devemos destacar que, sem políticas públicas efetivas, transparentes e universais, não conseguiremos sair deste imbróglio econômico, social e político.

A pandemia desnudou as condições sociais existentes na sociedade brasileira, a pobreza se mostrou mais nítida e evidente, as limitações econômicas ficaram mais expostas e passou a exigir, de forma estratégica, a reconstrução do tecido industrial. Vivemos um momento de inquietação e incertezas, marcados pelas degradações sanitária e

econômica, os investimentos em ciência e em tecnologia são fundamentais e inadiável, como forma de garantir a soberania nacional, reconstruir as bases da indústria nacional, estimulando a cooperação entre os setores produtivos e capacitando os trabalhadores para empregos mais dignos e decentes, dinamizando as demandas internas e incrementando a produtividade da economia.

Precisamos construir um projeto de nação, ressuscitando as ideias de desenvolvimento econômico, observando exemplos exitosos de outras economias, reorganizando os setores produtivos, estimulando os setores mais dinâmicos da economia nacional, reconstruindo os grupos mais vulneráveis da sociedade, investindo em ciência e tecnologia, deixando de lado discursos de curto prazo e construindo novas narrativas contemporâneas. Estamos num momento decisivo, precisamos de sinergias entre todos os setores, capacitando a sociedade para os embates que

crescem numa sociedade marcada por instabilidades, inseguranças e incertezas generalizadas.

No momento necessitamos construir confiança e credibilidade, sem estes não teremos investimentos produtivos, gerando as sementes de crescimento da economia e contribuindo para o desenvolvimento econômico. Os indicadores divulgados mostram que, neste momento estamos, sem confiança, sem projeto econômico e sem consenso político, o país rumo rapidamente para o caos, para a degradação econômica e para a convulsão social.

## **Desigualdades**

Um dos grandes legados da pandemia que assola a sociedade brasileira é o quadro de desigualdades generalizadas com impactos para todos os grupos sociais, políticos e econômicos, estamos num momento de inflexão, as escolhas existentes podem criar novas oportunidades para o país ou pode contribuir para perpetuar desequilíbrios crescentes e estruturais que, sem uma resolução plausível, podem levar o país ao colapso, com grandes dificuldades de governabilidade e uma convulsão social, que podem levar a sociedade a fragilização democrática.

Neste momento de grandes desigualdades, a sociedade brasileira está começando a conhecer as entranhas das dificuldades de grande parte da população, pessoas que vivem sem proteção do Estado, sem empregos dignos e altamente degradados, sem acesso a

educação de qualidade, sem atendimentos médicos e hospitalares e de proteções sociais. A pandemia está desnudando a desigualdade nacional, as dificuldades de acesso as tecnologias, os instrumentos de interação social são precários, as deficiências do ensino remoto se mostram mais claras e as pessoas estão morrendo pela falta de oxigênio, vivemos uma verdadeira tempestade perfeita, mostrando incompetência e degradação moral.

A pandemia está nos mostrando o tamanho da economia informal nacional, estamos percebendo a degradação do mercado de trabalho, onde milhões de trabalhadores estão rastejando em empregos precários e degradantes, sem proteção social, sem benefícios trabalhistas, sem rendas e sem perspectivas. Numa sociedade que sonha com a modernidade e com o desenvolvimento econômico, é imprescindível garantir para seus cidadãos condições dignas de sobrevivência, ainda mais num momento de crescimento dos

desequilíbrios sociais, das incertezas econômicas e das degradações políticas e culturais. O mercado de trabalho está degradado, sem um acordo entre todos os agentes econômicos e na construção de consensos políticos consistentes, a economia nacional tende a continuar rastejando em recessões e depressões continuadas.

Outro ponto interessante que deve ser destacado, é a grande incapacidade dos governos de construir novos espaços de solidariedade, de confiança e de credibilidade, precisamos desenvolver eixos de empatia entre as elites econômicas e políticas com a população, que sofre de formas diferenciadas e aumenta a insatisfação social que podem criar conflitos que poderiam criar constrangimentos para toda a coletividade. A sociedade contemporânea prescinde de confiança e de credibilidade, sem elas o mundo dos negócios perde legitimidade e reduzem os investimentos produtivos, sem

estes a economia não se reproduz e os indicadores macroeconômicos se degradam. Sem confiança na sociedade, os atores econômicos e sociais tendem a fragmentação e ao descontentamento com a classe política, levando ao crescimento das instabilidades e das incertezas, possibilitando o surgimento de outsiders, cujas consequências são desconhecidas.

Vivemos inúmeros dilemas contemporâneos, as instabilidades crescem de forma acelerada e a degradação política aumenta e retroalimenta as instabilidades na estrutura econômica e produtiva. Precisamos de líderes capacitados e conscientes das dificuldades contemporâneas, sem resolvermos os desequilíbrios políticos e acalmarmos os conflitos que cresce em todos os momentos, não conseguiremos reconstruir as bases da economia nacional e as dificuldades sociais tendem a prevalecer e os conflitos podem ser avolumar. A pandemia nos

mostrou as pobreza materiais e as limitações espirituais, os desafios são imensos e os espaços de reconstrução nacional são reduzidos, neste momento novas lideranças devem aparecer, mostrando os rumos, mostrando as dificuldades e orientando para a reconstrução de novos espaços. Como nos mostrou o primeiro-ministro Winston Churchill britânico, um dos maiores líderes do século XXI: “A diferença entre um estadista e um demagogo é que este decide pensando nas próximas eleições, enquanto aquele decide pensando nas próximas gerações”.

## **Oportunidades pós-pandemia**

O mundo vive momentos de ansiedade e preocupações, a pandemia está redefinindo as estruturas da sociedade, levando os indivíduos, as empresas e os governos a se reinventarem, buscando novos horizontes e perspectivas para a coletividade, reconstruindo novos espaços de produção e solidariedade dos seres humanos. Neste momento de crise sanitária global, ainda não conseguimos enxergar os horizontes que devem ser abertos para a sociedade global no período posterior a pandemia, mesmo assim, algumas características estão nítidas, criando desafios inéditos, preocupações crescentes e novas oportunidades, onde os atores mais preparados, ágeis e flexíveis, tendem a ganhar espaços na economia internacional.

Muitos acadêmicos estão refletindo sobre a sociedade internacional nos momentos posteriores da pandemia, cada um defende

suas teses para compreenderem o comportamento dos consumidores, das empresas e governos dos próximos anos. Diante disso, percebemos que a grande maioria dos teóricos acreditam que o mundo pós pandemia será mais desigual e com novas formas de globalização, com novos modelos de produção, novos modelos de negócios e um aprofundamento da desigualdade e da exclusão social entre todas as regiões do mundo, exigindo uma atuação mais efetivas dos Estados Nacionais.

A indústria brasileira perdeu espaço na economia nacional, deixando claro a dependência de insumos importados, faz-se necessário um novo consenso entre todos os agentes econômicos e políticos para a reconstrução da indústria nacional. Reestruturando urgentemente os setores que foram impactados, tais como a indústria da saúde, que das últimas décadas perderam espaço na economia. Este fortalecimento

reduzirá a dependência de parceiros internacionais, que num momento de crise, como a que vivenciamos, privilegiam sua produção interna e o bem-estar de sua população, reduzindo nossa autonomia. Neste momento, precisamos reconstruir nossa estrutura industrial e garantir forças produtivas autônomas e capacitadas para sobreviver e garantir a sobrevivência em momentos de crises, sejam sanitárias, econômicas, políticas e convulsões sociais. É fundamental aprendermos com a pandemia, que pode nos legar melhoras na estrutura econômica e produtiva, melhorando emprego e diminuindo a dependência internacional.

A pós-pandemia prescinde de uma consolidação da economia digital, que precisamos para concorrer e sobreviver no cenário internacional, onde as potencialidades das nações devem exigir investimentos adicionais na formação de capital humano, além de garantir investimentos científicos e

tecnológicos, sem estes recursos as posições nos rankings educacionais e de produtividade tendem a piorar e perpetuar as péssimas condições de vida da população.

As novas tecnologias estão gerando grandes transformações na sociedade, neste momento precisamos construir as tecnologias 5G, estimular estas tecnologias e diminuir os hiatos crescentes com as nações desenvolvidas. No futuro devemos compatibilizar modelos híbridos entre atividades presenciais e digitais, exigindo a capacitação dos trabalhadores, estudos crescentes e contínuos, exigindo investimentos em inclusão digital, sem esta inclusão as desigualdades tendem a crescer, fragilizando o capital humano e diminuindo o desenvolvimento econômico.

O mundo pós pandemia exige uma maior cooperação entre as nações, internamente percebemos que vivemos num momento preocupante, existem inúmeras oportunidades

para todos os agentes econômicos e políticos, mas faz-se necessário uma união e a busca de um consenso imediato. Neste momento se faz necessárias ações urgentes, precisamos reconstruir a indústria brasileira, esta reconstrução deve estimular a produção interna, a capacitação do capital humano, os investimentos de agências de fomento público, investimentos em pesquisas, ciência e tecnologia e políticas de proteção nacional, centrado no estímulo local e estímulo da concorrência global, com metas sólidas de vendas externas e incremento da produtividade. Sem atuações efetivas, serenas e imediatas, a sociedade tende a amargar outra década perdida.

## **Armadilhas**

A pandemia está trazendo grandes transformações para a sociedade, criando novos desafios, novas oportunidades e novas preocupações. A sociedade global vive um momento de desesperança, para muitos especialistas, a globalização era uma realidade inexorável e todas as nações deveriam se adaptar, abrir suas economias e se integrar os fluxos de comércio e de finanças. Se não nos adaptássemos aos ventos da globalização seríamos deixados de lado diante do progresso e renegados do desenvolvimento econômico. Na verdade, com as mudanças contemporâneas, alguns mitos estão perdendo espaço, levando a novas estratégias e novas formas de planejamento, não apenas centrados nos governos, mas na integração entre os governos e os mercados. Neste momento, todas as nações que estão superando este momento de incertezas e

instabilidades são os que conseguiram construir um projeto nacional.

A pandemia deixou claro para a sociedade que é fundamental um setor industrial moderno e dinâmico, sem isso, nossa dependência será mais visível, deixando claro a nossa pouca autonomia. Sem desenvolver o setor industrial, somos uma nação dependente de insumos farmacêuticos, dependentes da importação de produtos hospitalares, respiradores e outros insumos fundamentais para a tão proclamada independência nacional.

Estamos numa situação de crescimento da dependência externa, somos importadores de produtos que, anteriormente, éramos autossuficientes. Deixamos de lado os sucessivos investimentos em ciência e tecnologia, reduzimos os recursos para os centros de pesquisas e passamos a acreditar que, num momento de instabilidade, seríamos socorridos pelos parceiros internacionais. Ledo

engano, percebemos que precisamos construir nossas tecnologias e, para isso, não existe fórmulas rápidas e imediatas, demandam investimentos, focos na pesquisa científica, na formação de capital humano qualificado, ensino da ciência e o estímulo constante ao desenvolvimento da investigação científica.

Sem estes recursos, sem uma política pública concatenada pelos gestores públicos e pelos investimentos privados, vamos continuar formando profissionais de alta qualificação, cujos custos são elevados e, na maioria das vezes são formados por instituições públicas e, sem oportunidades internas e digna remuneração, são contratados por outras nações, cujos investimentos são valorizados no desenvolvimento de pesquisas científicas e tecnológicas.

A globalização nos trouxe grandes transformações, alterou a estrutura produtiva, aumentou os investimentos em ciência e

tecnologia, mas ao mesmo tempo, deixou claro a necessidade de um projeto nacional, um plano concatenado que deve unir todos os setores da sociedade e estimulando a construção de um setor produtivo consolidado e diversificado. Nesta empreitada, percebemos que é fundamental a construção de um consenso político, consciente de que os entraves são violentos, tanto internos e externos. De um lado, encontramos grupos ganhadores desta situação de degradação social e pobreza crescentes, pessoas e grupos sociais que ganham fortunas com a miséria que degrada a sociedade. De outro lado, países que sempre atuaram para impedir o desenvolvimento das potencialidades deste país, estimulando a perpetuação desta situação de desgoverno, desigualdade e degradação da sociedade.

Precisamos estimular a reflexão e a reconstrução da sociedade, a globalização reduziu os poderes nacionais e transferiu

poder para os grandes grupos econômicos e financeiros, reduziu os poderes dos trabalhadores e criando espaços de dependência que ultrapassam as autonomias nacionais, aumentando as fragilidades e reduzindo a soberania.

Neste momento, precisamos retomar o controle dos rumos da sociedade, reconstruindo as estruturas industriais e consolidando nossa soberania. Nesta pandemia, percebemos o incremento da dependência externa, precisamos urgentemente de um grande projeto de desenvolvimento, fortalecendo os setores produtivos, investimento em capital humano e mostrando a importância da ciência nacional, retomando espaços de destaque na sociedade global.

## **Guerras produtivas**

O mercado globalizado gerou grandes transformações nas nações, com impactos sobre todos os grupos sociais, incrementando a tecnologia, sofisticando as estruturas produtivas, estimulando o aumento da qualificação dos trabalhadores e intensificou a competição entre todos os agentes econômicos e sociais. A tecnologia ganhou espaço na sociedade, alterando o comportamento dos indivíduos, alterando o consumo, moldando as relações sociais, aproximando os contatos sociais digitais e, ao mesmo tempo, afastando os contatos físicos.

Nesta nova sociedade, percebemos novos modelos produtivos que, anteriormente, estavam centrados no fordismo, marcados por grandes unidades de produção, alto contingente de trabalhadores, salários elevados e produção em série. Este modelo perdeu força nos anos 1970, sendo substituído

por um modelo mais flexível, marcado pela desagregação produtiva, alta tecnologia e redução do contingente de trabalhadores, incrementando setores de comunicação e de informática.

Os países mais dinâmicos e flexíveis foram aqueles que se saíram melhores nesta transição de modelo da estrutura global, enquanto aquelas nações que foram mais inflexíveis e menos dinâmicos, perderam espaços na economia internacional, diminuíram suas participações nos mercados globais e foram superados por outras nações, perderam riquezas e se tornaram mais pobres, incremento da pobreza e das desigualdades.

Os grandes ganhadores da economia internacional no período 1990/2020 foram aquelas economias que conseguiram construir projetos de desenvolvimento, centrados numa ideia de nação, adotaram um planejamento estratégico, investindo em educação de

qualidade, protegendo suas estruturas produtivas, estimularam a competitividade nos mercados internacionais, adotaram políticas industriais efetivas e dinâmicas, garantindo a compra de produtos nacionais e exigindo dos produtores locais o incremento da qualidade dos produtos nacionais, garantindo financiamentos subsidiados e garantindo aumento da qualidade das mercadorias locais. Embora muitos críticos defenestrem as políticas industriais e as políticas de proteção, vistas como uma intervenção excessiva na estrutura produtiva, todas as nações que conseguiram dar um salto no desenvolvimento econômico adotaram políticas intervencionistas, centradas em planejamento, subsídios e concorrência.

Investimento em educação de qualidade é fundamental para o desenvolvimento econômico e para a melhoria da qualidade de vida da população, além de políticas de incentivos científicos e tecnológicos são

cruciais para garantirem autonomia no mercado internacional. Mas precisamos entender que é fundamental atrelarmos investimentos em capital humano com políticas de desenvolvimento industrial, garantindo compras governamentais, incentivos maciços para inovação e estímulos para competição no mercado internacional, melhorando a estrutura produtiva e garantindo novos mercados no ambiente global. A proteção deve ser acompanhada de incremento na produtividade e ganho de mercados externos e maior lucratividade.

Os países que investiram excessivamente nos setores financeiros perderam espaços na economia global, nações que deixaram de lado os setores industriais colheram desindustrialização, piora dos meios de trocas, redução dos salários, degradação das estruturas produtivas, incrementando do desemprego e da desigualdade. Os pacotes econômicos do novo governo norte-americano

devem servir de norte para a economia nacional.

Não se constrói uma nação pensando no curto prazo, não se constrói uma nação pensando nos interesses imediatos de corporações e de grupos organizados, não se constrói uma nação criando desemprego, desesperança e exclusão, não se constrói uma nação sem solidariedade. Todos os países que conseguiram vencer o desafio do desenvolvimento conseguiram vencer os conflitos internos, as contradições mais imediatas, vencendo todos os males que pululam nas almas daqueles que acreditam que o indivíduo é mais importante do que o coletivo. Na pandemia, neste momento de dificuldades, de incertezas e desesperanças, estamos percebendo que não se faz uma nação deixando um rastro de degradação, de desigualdade e de exclusão social.

## **Os invisíveis**

A pandemia está mostrando as marcas das violências que existem na sociedade brasileira, o incremento das desigualdades sociais, o crescimento do desemprego, as decepções mais íntimas e o aumento dos chamados invisíveis, pessoas que sobrevivem em situação de degradação social, pessoas vivendo nas ruas, comendo alimentos estragados e sem condições sanitárias dignas. Vivemos uma verdadeira contradição, de um lado uma grande parte da população em péssimas condições de vida e, de outro lado, um país marcado por riquezas incalculáveis, espaço geográfico e meio ambiente exuberantes. Vivemos num país que se destaca como o celeiro do mundo, responsável pela produção de grande quantidade de alimentos, alimentando uma parte substancial da população global, mas que mantém, ainda e recorrentemente, uma grande leva de cidadãos na fome e na indignidade.

Os invisíveis brasileiros estão sem ocupação, estão longe dos centros financeiros e dos condomínios de luxo, são pessoas que se alimentam de forma precária, pessoas desesperançadas que percebem do Estado apenas as mãos da repressão, recebendo educação e saúde degradadas, se utilizando de postinhos cheios e sucateados, pessoas esquecidas por uma elite degradada e predatória e uma classe política que se lembra da população mais carente nos momentos eleitorais, fazendo promessas e criando um universo paralelo, distante da maior parte da população. Nesta invisibilidade brasileira destacamos mais de 38 milhões de pessoas, contingente cada vez mais distante do desenvolvimento econômico. Neste momento, estamos cada vez mais próximos dos pelotões intermediários do desenvolvimento, atualmente os dados nos mostram que caímos para 12<sup>o</sup> lugar dentre as maiores economias do mundo.

A pandemia desmascarou a desigualdade brasileira, muitas pessoas estão acreditando que somos pobres e miseráveis, ledo engano, somos um país rico e dotado de grandes riquezas naturais e uma população empreendedora, somos dotados de sonhos e carecemos de oportunidades. Precisamos de investimentos públicos em todos os rincões do país, educação de qualidade, estimulando as habilidades socioemocionais, fomentando o pensamento crítico, a diversidade, o respeito pela ciência e pela pesquisa científica.

Precisamos investir na construção de uma sociedade melhor e mais solidária, não apenas a poucos afortunados, dotados de sobrenomes pomposos e heranças garantidas e investimentos improdutivos. Precisamos garantir recursos públicos para os grupos mais fragilizados e garantir serviços para os mais vulneráveis, sabemos que os recursos são escassos, mas para os grupos econômicos os recursos sempre aparecem e aumentam seus

lucros e enriquecem seus detentores. Na pandemia percebemos que os grandes desafios deste país são políticos, num mundo marcado pelo desenvolvimento tecnológico e da era da informação, percebemos que para superar as dificuldades precisamos construir um consenso em prol da vida e da solidariedade, deixando os interesses mesquinhos e pensarmos nos grupos mais degradados.

Neste momento estamos próximos de uma convulsão social, as mortes se sucedem em escalas colossais, os pobres e os miseráveis crescem de forma acelerada. A revista Fortune, publicada recentemente, destacou o crescimento do número de bilionários brasileiros, que cresceram de 45 para 65 pessoas, em plena pandemia seus patrimônios cresceram, ao mesmo tempo em que o país rumo para sermos um pária mundial, sem vacinas, sem alimentos, sem perspectivas e sem governos.

A pandemia exige decisões emergenciais, a crise econômica desagregou as cadeias produtivas, levando muitas indústrias a interromperem sua produção. Neste momento, precisamos reconstruir os laços sociais, incrementando o emprego, estimulando os investimentos produtivos e retomando a economia, sem estes, dificilmente conseguiremos nos reconstruir como nação, num momento de desalento, indignidade e desesperança.

## **Contradições**

Vivemos numa sociedade marcada por grandes contradições, sistemas econômicos marcados por grandes desigualdades, preservamos uma estrutura econômica marcadamente concentradora, que privilegia uma pequena classe social. Grupos privilegiados controlam as estruturas políticas e colocam seus apaniguados em setores-chaves, donos de currículos vistosos e salários elevados, são prepostos da casa e da senzala. Ganham milhões transformando as estruturas sociais em verdadeiros negócios monetários e financeiros, sem se preocupar com os interesses da coletividade, sempre pensando em seus interesses imediatos e seus pomposos recursos monetários.

A pandemia está colocando em xeque pensamentos imediatistas. Estes cidadãos se especializaram nos ganhos financeiros particulares e deixaram de lado interesses

mais amplos da sociedade, trabalham pelos prazeres monetários, se esquivando do planejamento econômico e da construção de um verdadeiro projeto de país. Neste momento, percebemos que este pensamento imediatista está levando o país para o caos e a ingovernabilidade, criando bolsões de miséria cercada por pequenas ilhas de progresso, luxos e artificialismo exagerados.

Recentemente foi publicado o estudo “Efeitos da pandemia na alimentação e na situação da segurança alimentar no Brasil”, pesquisa realizada pelo grupo Alimento Para Justiça, da Universidade Livre de Berlim, em parceria com universidades brasileiras, que destacou que até o final do ano passado, 59,4% dos brasileiros enfrentavam algum grau de insegurança alimentar, retratando uma população que convive novamente com a fome, na verdade, essa realidade sempre existiu na sociedade nacional. Nesta pesquisa, passamos a conhecer os números

escandalosos da degradação em que vivemos, onde 125,6 milhões de brasileiros não tem o que comer, outros grupos comem inadequadamente ou convivem com receio de não terem a próxima refeição. A pesquisa nos mostra a miséria da sociedade brasileira, somos um dos maiores produtores de alimentos do mundo, dotados de instrumentos tecnológicos, máquinas e equipamentos de última geração e, ao mesmo tempo, convivemos com um contingente de cidadãos, ou pseudocidadãos que não tem alimentação digna, um verdadeiro escárnio.

A fome, impulsionada pela pandemia, cresce na sociedade brasileira, uma calamidade nacional que abarca grupos sociais fragilizados e, neste momento, a fome e a desigualdade são escolhas políticas. Os governos e as classes políticas se sucedem, a democracia está se fragilizando e as condições sociais de parcela significativa da população se encontram em situação de degradação. As

políticas públicas precisam ser efetivas, precisam de investimentos produtivos, um combate sistemático ao desemprego e abrindo novas oportunidades, evitando a convulsão social que se avizinha, misturando incompetência e arrogância.

Na sociedade brasileira muitos teóricos estudaram e se dedicaram na construção de estratégias de combate a fome e a desigualdade social, dentre eles destacamos o trabalho pioneiro de Josué de Castro, médico, geógrafo, diplomata e político, cujas pesquisas mostravam a existência de um Brasil profundo, marcado pela desigualdade, pela pobreza e pela subnutrição, estes pensadores contribuíram para a compreensão das condições indignas existentes na sociedade.

Neste momento de pandemia e indignação, faz-se necessário refletir sobre os grandes estudiosos brasileiros, seus estudos e contribuições, cujas pesquisas levaram Jean

Ziegler, relator da ONU sobre o direito à alimentação, ao referir ao se Josué de Castro, que deveríamos “ter um monumento em cada cidade do país, porque é um dos maiores pensadores do século XX”. Somos um país que não preserva as suas memórias, um país que não aprende com os equívocos do passado, estamos sempre cometendo os mesmos erros, aumentando os constrangimentos, o resultado onde tudo isso é mais atraso, mais desigualdade e mais degradação social.

## **Finanças e Desenvolvimento**

O setor financeiro é fundamental para o desenvolvimento econômico de uma nação, devendo atuar como intermediário de recursos monetários e estimulando a produção, gerando emprego e incrementando o investimento produtivo. Nas últimas décadas percebemos o aumento no setor financeiro que pouco contribuiu para o crescimento econômico e produtivo, transformando a economia em um verdadeiro cassino que garante ganhos altíssimos para um pequeno grupo de privilegiados que ganham com taxas de juros elevados que limitam o crédito do longo prazo e rentabilidade imediata, deixando de lado o planejamento econômico e a construção de uma nação.

O fortalecimento dos setores financeiros na sociedade brasileira tem um papel central na ausência das grandes discussões econômicas, assuntos relacionados a planejamento e a

construção de um projeto nacional perdem espaços para assuntos imediatistas e limitantes, tais como as taxas de juros, inflação e câmbio. Embora estes assuntos sejam importantes, devem ser pensados dentro de uma estratégia maior de fortalecimento do país e da construção do desenvolvimento econômico.

No mundo contemporâneo, precisamos reconstruir os valores da civilização, trocando a competição econômica exagerada pela cooperação produtiva e o compartilhamento social. A pandemia que assola a sociedade global exige uma transformação estrutural no modelo econômico, privilegiando o conceito de nação, que foi deixado de lado devido aos interesses financeiros, materiais e imediatistas.

Os setores produtivos devem ser estimulados como agentes do progresso econômico, gerando emprego, incrementando a renda, movimentando o consumo e, posteriormente,

impulsionando toda a economia e o produto interno bruto. Desde os anos 1980 a economia brasileira vem perdendo espaço na economia global, desde então o país vem se desindustrializando, perdendo a participação no mercado internacional e piorando as relações de trocas, perdendo dinamismo industrial e estamos caminhando, a passos largos, a se tornarmos uma economia agroexportadora, insuficiente para gerar o desenvolvimento de um contingente populacional de mais de duzentos milhões de pessoas.

As finanças devem retornar sua centralidade na economia brasileira, criando as bases para o financiamento, levando recursos monetários e financeiros para aumentar a capacidade produtiva, gerando emprego e renda, investindo no empreendedorismo e na inovação. Os setores financeiros devem retomar a capacidade de correr risco e estimular o crédito para movimentar o sistema

econômico. No caso nacional, historicamente, o sistema financeiro nacional foge dos riscos e espera os grandes investimentos estatais, exigindo altas taxas de retornos, cobrando juros elevados que inviabilizam os investimentos produtivos. Percebendo uma grande contradição nacional, um sistema financeiro com lucros elevados e uma sociedade carente de crédito, empresários endividados e famílias sem perspectivas, inviabilizando a construção de um mercado interno de crédito e perpetuando a degradação dos setores produtivos.

O setor financeiro de um país é fundamental para a construção do desenvolvimento da nação, ativando o sistema econômico e produtivo, levando recursos em forma de créditos com juros baixos e condições condizentes, garantindo investimentos nos setores produtivos, impulsionando empregos, movimentando renda, consumo e produção. Sem o impulso dos setores financeiros

difícilmente as nações desenvolvidas conseguiriam alcançar o tão almejado desenvolvimento econômico. As finanças hipertrofiadas limitam o crescimento das economias, reduzem os recursos para os setores dinâmicos da economia, fragilizando o empreendedorismo e perpetuando desigualdades sociais e limitando o “espírito animal” dos empresários e garantindo lucros abissais para seus acionistas em detrimento do empobrecimento da economia e da perpetuação das indignidades e de subserviência. Passou da hora de as finanças auxiliarem os rumos do crescimento e do desenvolvimento econômico brasileiro.

## **Plano Biden**

Nos últimos dias a comunidade acadêmica, a mídia e os formadores de opinião estão se debatendo sobre a política apresentada pelo novo presidente dos Estados Unidos, o democrata Joe Biden, suas limitações, seus desafios e seus impactos sobre os norte-americanos e para toda sociedade internacional, gerando questionamentos e reflexões sobre economia. Os bastidores dos grandes templos da economia mundial mostram a construção de um novo consenso, deixando de lado as ideias da ortodoxia e da austeridade para momentos de maior intervenção nos Estados Nacionais.

O Plano Biden está sendo comparado com as políticas intervencionistas nos anos 30, quando a Crise de 1929 alterou toda a dinâmica do sistema econômico, exigindo um novo consenso econômico, diante disso, surgiu um Estado mais interventor, com políticas mais

ativas, com maior crédito e maiores investimentos em infraestrutura que auxiliou a recuperação da economia norte-americana, com impactos internacionais.

A política desenhada pelo presidente preconiza a criação de empregos para a classe média e trabalhadores com menor qualificação, apoiar as pequenas empresas, ampliação da educação pública, melhorar o acesso à saúde, prolongar o seguro desemprego, aumentar a vacinação, além de consertar rodovias, reconstruir pontes, atualizar portos, revitalizar o setor industrial com o intuito de superar a concorrência chinesa, criar empregos bem remunerados e treinar os trabalhadores para os empregos do futuro. O plano é bastante ambicioso, os gastos são estimados em mais de 4 trilhões de dólares.

A nova política econômica norte-americana está reformulando o pensamento econômico,

com impactos para todas as regiões, retomando as atuações do Estado Nacional e estimulando os investimentos produtivos que tendem a alavancar a economia e atuar como um verdadeiro motor para a economia internacional. A perda de espaço dos Estados Unidos motiva esta política que, nos últimos anos foi vitimado por três fenômenos que enfraqueceram a economia: a crise de 2008, a pandemia e a ascensão da China.

Os recursos para os investimentos nos moldes do Plano Biden sairão do aumento da tributação de grandes empresas, algo em torno de 2,3 trilhões de dólares, que, no governo anterior, estes conglomerados foram agraciados com redução de impostos, ou seja, o governo Biden está apenas retomando às alíquotas de impostos adotadas anteriormente.

A reestruturação do sistema tributário é fundamental para garantir recursos para os serviços públicos, garantindo valores para os

investimentos produtivos, reduzindo as desigualdades tributárias, estimulando emprego e crescimento da renda e do consumo, garantindo melhores condições de vida e perspectivas mais saudáveis para a coletividade. A sociedade internacional já se conscientizou de onde sairá os recursos para as políticas públicas que a sociedade demanda, infelizmente aqui, as políticas estão sempre em ritmo lento e seguindo por caminhos equivocados, incrementando a ortodoxia, reduzindo investimentos públicos, diminuindo repasses para a educação e limitando as pesquisas.

Internamente, estamos seguindo caminhos diferentes como os dos países desenvolvidos, reduzindo os auxílios emergenciais e limitando nossas potencialidades. No mundo desenvolvido, norte-americanos, sul-coreanos, japoneses e chineses, se digladiam na guerra da indústria de semicondutores, investindo trilhões em pesquisas e novas tecnologias,

aqui, no Brasil, estamos liquidando a única empresa estatal de semicondutores e nos contentando com o papel de coadjuvante e importadores de tecnologias.

No mundo desenvolvido, a pandemia está alterando a agenda econômica, aumentando os tributos de grandes conglomerados econômicos e financeiros. Na sociedade brasileira deveríamos deixar de lado velhas ideias e pensamentos atrasados e perceber que o mundo está caminhando em outras direções, a contemporaneidade exige novos consensos, deixando de cultivar o atraso, a intolerância e a desigualdade.

## **Ascensão chinesa**

Nos últimos anos percebemos grandes alterações geopolíticas internacionais, levando países coadjuvantes ao protagonismo, alterando as bases da sociedade global, mudando a estrutura de poder político e o arranjo produtivo. A globalização reestruturou as nações, alguns países estão perdendo espaço e outras nações estão ganhando força, gerando preocupações, medos e constrangimentos.

Dentre as economias que vem ganhando espaço na sociedade global, destacamos a China. De um país intermediário no cenário global, os chineses se tornaram, em curto prazo, um dos grandes jogadores internacionais. A transformação começou no final dos anos 70 com a adoção de um modelo de abertura econômica, atraindo investimentos estrangeiros em parcerias com grupos locais, onde os estrangeiros se comprometeram a

transferir tecnologia em troca de um mercado consumidor de mais de 1 bilhão de pessoas. Destas parcerias, pensadas e construídas pelo governo, a China começou a se transformar no grande competidor internacional. Inicialmente nos mercados industriais de baixo valor agregado e, posteriormente, nos produtos de alta tecnologia, ganhando espaço, escala e produtividade, inundando mercados e tornando-se o maior exportador da economia global, desbancando países com tradição exportadora, como a Alemanha e os Estados Unidos.

A ascensão chinesa deve ser compreendida como a construção de um modelo que comunga forte intervenção estatal, políticas pragmáticas em comércio internacional, câmbio desvalorizado, fortíssimos investimentos em ciência e tecnologia, fortalecimentos das empresas estatais, enfoque no cenário global e a busca crescente de incremento de produtividade. Todas estas

políticas foram somadas aos fartos empréstimos concedidos por instituições governamentais, com condições favoráveis, taxas de juros reduzidas e pagamentos no longo prazo.

Quarenta anos atrás a China não possuía nenhum conglomerado econômico e financeiro internacionais, atualmente os chineses contam com mais de noventa grandes conglomerados produtivos. Empresas inexpressíveis anteriormente se tornaram grandes grupos econômicos, nomes como Alibaba, Tencent, Baidu, Lenovo, Chery, Huawei, Sinopec, Xiaomi, ICBC, PetroChina, dentre outras. Muitas destas empresas o público brasileiro nunca ouviu falar, são grandes conglomerados econômicos e financeiros dotados de força política e grande capacidade produtiva, que contribuíram para que a China se tornasse o maior setor industrial mundial, com capacidade produtiva de mais de 4 trilhões de dólares. A China não é mais um país exportador de

quinhilarias e produtos de baixo valor agregado, neste momento percebemos que os chineses são grandes atores econômicos e que buscam a liderança na economia internacional.

O crescimento econômico da China está transformando a geopolítica internacional, gerando medos e preocupações de países que estão amedrontados com o crescimento chinês. A ascensão chinesa está criando novas oportunidades para países como o Brasil, dono de grandes estoques de produtos primários e commodities, produtos necessários para garantir a segurança alimentar do parceiro asiático. Neste momento, cabe ao Brasil construir uma estratégia para garantir espaços privilegiados de comércio com o gigante chinês, exigindo transferência de tecnologia e fortes investimentos internos no desenvolvimento científico e tecnológico. Cabe a sociedade o fortalecimento de setores estratégicos, estimulando políticas industriais,

exigindo contrapartidas viáveis e imediatas e a consolidação de instituições políticas.

Nos anos 80 os chineses vieram conhecer o modelo econômico que garantiu grande crescimento econômico para o Brasil no pós-guerra, desde então os chineses adotaram políticas parecidas com o modelo brasileiro, colhendo crescimento e espaços na geopolítica internacional. Neste ínterim o Brasil se perdeu na ortodoxia, esquecendo da produção e dos setores industriais, abrindo espaço para o crescimento das finanças especulativas, garantindo grandes lucros para os rentistas e nos transformando num paraíso dos juros altos e um inferno para os empreendedores e dos vocacionados para o desenvolvimento econômico.

## **Escada tecnológica**

O desenvolvimento econômico é o anseio maior das sociedades contemporâneas, todas as economias buscam uma melhor inserção na comunidade internacional, garantindo um incremento de suas rendas com melhorias nas formas de consumo, renda e bem-estar social. Neste ambiente, os países que conseguiram angariar avanços substanciais construíram estratégias que combinavam uma efetiva ação política interna, investimentos crescentes em pesquisa, ciência e Tecnologia, planejamento econômico e consenso político entre os grupos sociais e políticos, sem estes, as nações não conseguiriam construir seu desenvolvimento. A história nos mostra que o desenvolvimento econômico é um tema político, nunca esqueçamos isso.

O avanço da escada tecnológica é um dos maiores desafios para as economias se desenvolverem, exigindo a intervenção maciça

dos Estados nacionais, atuando em variadas frentes, investindo recursos em universidades, em centros de pesquisas e centros de desenvolvimentos tecnológicos, ao mesmo tempo, é fundamental que os atores estatais emprestem recursos a taxas de juros subsidiados, a proteção dos setores produtivos, compras governamentais e a construção de ambientes de credibilidade e de confiança.

Num ambiente de forte crescimento tecnológico, os países que conseguiram alçar o desenvolvimento econômico, conseguiram aumentar a escada tecnológica, transformando suas estruturas econômicas e produtivas, passando de produtores de mercadorias pouco sofisticadas e, com o passar dos tempos, conseguiram alçar novas capacidades produtivas, produzindo produtos mais sofisticados, construindo tecnologias inovadoras e elevando seus degraus produtivos. Estes países conseguiram

transformar suas estruturas econômicas, enriqueceram e angariaram desenvolvimento econômico e melhoraram as condições de vida da população. Países que não conseguiram alçar a escada tecnológica ficaram para trás, sua população continua pobre, dependentes da importação de produtos de alto valor agregado e suas perspectivas econômicas são negativas e preocupantes.

Os economistas estruturalistas acreditam que os países que apresentam relevância em setores de mineração e de agricultura se encontram no começo da escada tecnológica, possuindo apenas solo fértil e reservas minerais. Com o crescimento da escada tecnológica, encontramos um processo de crescimento industrial em setores de baixo valor tecnológico, low tech, tais como vestuário, couros, alimentos processados, sabonete, bebidas, toalhas, sapato, manteiga, dentre outros, onde encontramos muitos

países, com exceção dos algumas nações africanas.

Com o desenvolvimento da estrutura produtiva, os países conseguem crescer na escada tecnológica, chegando nos chamados de midian tech, suas estruturas econômicas são dominadas por setores mais elevados em tecnologia, produzindo produtos sofisticados, tais como as indústrias de autopeças, pneus, algumas maquinarias, angariando algum desenvolvimento industrial, embora modesto.

Com o passar dos tempos as estruturas produtivas são mais sofisticadas, as high tech, são grandes conglomerados, muitos setores oligopolizados ou duopólios, com a produção de máquina fina, maquinários de ponta, fármacos e mecânica de precisão, são setores que demandam capital humano sofisticado, grande inovação, alta tecnologia, pesquisa e desenvolvimento em relação as vendas e o faturamento. Neste mercado, os grandes

atores são muito fortes e são dotados de grandes recursos monetários e financeiros, controlam o mercado e impõem seu poder financeiro como forma de controlar as sociedades e impedir a entrada de novos competidores, criando um ambiente de concentração de mercado e inviabilizando o surgimento de novos atores econômicos.

Neste ambiente, a atuação dos Estados Nacionais é imprescindível no desenvolvimento da escada tecnológica, como China e Coréia do Sul, que construíram setores altamente capacitados para competir no mercado global. Sem o desenvolvimento da escada tecnológica, países como o Brasil continuarão reféns de uma economia baseada em baixo valor agregado, dependentes de tecnologias e subordinados aos ditames dos mercados internacionais.

## **Entraves políticos**

Numa sociedade marcada pela concorrência e pela competição crescentes entre os agentes econômicos, os setores produtivos se sentem pressionados pelo incremento de seus lucros, buscando constantemente novos instrumentos de acumulação, reduzindo seus custos, investindo em tecnologia, máquinas e novos modelos de negócio. O ambiente da economia globalizada exige que todos os atores produtivos, empresas, trabalhadores e Estados, se reinventem, absorvam novas tecnologias, desenvolvam maior flexibilidade e agilidade, sob pena de perder espaços neste mundo altamente competitivos.

Neste ambiente de constantes transformações, percebemos um descompasso entre as questões econômicas e as respostas políticas. A lógica da economia prescinde de flexibilidade e agilidade, exigindo rapidez dos setores econômicos e produtivos, enquanto os

setores políticos são mais lentos, exigem discussões e reflexões, estimulando debates e conversações. A conjunção dos setores é fundamental, compreender as diferenças auxilia na construção de um projeto de país, onde os setores, econômicos e políticos, devem caminhar em prol do desenvolvimento dos setores produtivos e na melhoria do bem-estar social da comunidade.

O cenário internacional exige a construção de um consenso econômico, social e político, como forma de angariar instrumentos para competir no novo mundo dos negócios. Diante deste ambiente de grande competitividade global, os atores econômicos e políticos precisam construir um ambiente saudável, definindo o papel de todos os agentes, mostrando que a dicotomia entre Estado versus Mercado é equivocada, gerando conflitos, ressentimentos e desgastes políticos. Os países que conseguiram ultrapassar a armadilha da renda média e conseguiram alçar

a posição de uma sociedade desenvolvida, foram capazes de construir um consenso político entre todas as elites econômicas.

O desenvolvimento econômico é um assunto político que precisa da atuação de todos os atores sociais e políticos, com isso, cabe aos líderes a construção de um ambiente salutar para pensar a sociedade, imaginar os rumos e os passos necessários e fundamentais para que, num futuro mais próximo, a sociedade consiga vislumbrar novos espaços de desenvolvimento econômico. Neste desafio, precisamos agregar esforços de todos os setores, estimulando a participação das universidades, dos centros de pesquisas, os setores governamentais, os empresários, sindicatos, dentre estes.

Um dos grandes equívocos da sociedade é imaginar que o desenvolvimento econômico precisa apenas de lideranças econômicas e produtivas, neste ambiente é fundamental a

construção de lideranças políticas com visão mais ampla, associados por profissionais capacitados, conscientes que vivemos numa sociedade dependente e periférica, criando consensos internos em prol da transformação social, estruturando os setores econômicos, preservando o meio ambiente, reduzindo as desigualdades sociais, aperfeiçoando a governança, melhorando os indicadores educacionais, capacitando os setores da saúde, consolidando as instituições e fortalecendo a democracia.

Numa sociedade marcada por grandes desigualdades como a brasileira, os desafios são imensos e crescentes, exigindo de todos os setores da sociedade um esforço que demanda muitos anos ou décadas, um verdadeiro projeto nacional, mesmo com a alternância de grupos políticos diferentes comandando o executivo, o projeto nacional deve continuar e sempre sendo aperfeiçoado, visando o objetivo do desenvolvimento

econômico e da redução das desigualdades sociais.

Na contemporaneidade, percebemos na sociedade brasileira que os grupos políticos e forças econômicas estão sempre em confrontos abertos, criando espaços de desconfianças entre os atores sociais, o resultado deste ambiente é um incremento de inseguranças, incertezas e instabilidades. Neste ambiente de confrontos primários, agressividades e violências generalizadas, como vivemos na atualidade, o país caminha a passos largos a perpetuação da insignificância global, mesmo sendo dotados de grande potencial vivemos na indignidade e das desigualdades que nos aproximam da incivilidade e do retrocesso.

## **Mundo do trabalho**

Vivemos um momento caracterizado pela Quarta Revolução Industrial, um período de grandes transformações, marcadas por alta tecnologia, novas máquinas e novas habilidades, com isso, percebemos crises crescentes no mercado de trabalho, destacando novas formas de acumulação, novos modelos de negócios, rupturas econômicas e exigências crescentes de capacitação e de qualificação, onde a competição não é mais local, nem nacional, mas ao mesmo tempo, é internacional.

Na atualidade, ao analisarmos os dados mais recentes de emprego divulgados pelo IBGE, abarcando os três meses do ano, 14,7% da população se encontra desempregada, um contingente de quase 15 milhões de trabalhadores sem emprego. Mais de 33 milhões de subempregados, pessoas na informalidade ou intermitentes. Além de 5,9

milhões de desalentados, um verdadeiro desastre econômico e social, com impactos políticos generalizados.

Neste ambiente, percebemos que o Brasil vive três grandes crises, de um lado estamos sofrendo os impactos da covid-19, de outro lado vivemos uma crise econômica, com forte degradação produtiva e uma crise política. O país vive uma situação de inação, de destruição de empresas e de setores produtivos, crescimento da pobreza, fome em ascensão, desestruturação dos setores de serviços e o enfraquecimento das esperanças da população.

Estamos vivendo um momento de grandes transformações no mundo do trabalho, as novas tecnologias exigem mais qualificação dos trabalhadores, assertividade, flexibilidade, agilidade e a capacidade constante de aprender. Sem estas habilidades, os trabalhadores terão dificuldades em encontrar

novos espaços no mercado de trabalho. Ao mesmo tempo, alguns setores que, anteriormente, eram intensivos em mão de obra, passaram a substituir trabalhadores por tecnologias, máquinas e inteligência artificial. Sem políticas públicas eficientes a massa de trabalhadores sem ocupação tende a crescer, inviabilizando o crescimento mais equitativo da economia.

Neste momento, quando convivemos com inúmeras crises, é fundamental que os setores produtivos trabalhem intimamente na construção de novas oportunidades, com investimentos em setores mais intensivos em mão de obra, tais como a construção civil e investimentos em infraestrutura, que tendem a fomentar um ciclo de investimentos produtivos, gerando emprego, empregabilidade e incremento na renda. Sem estes pactos entre os agentes econômicos e políticos, a recuperação da economia deve demorar mais e os custos sociais serão maiores.

A tecnologia deve ser estimulada com o intuito de melhorar o bem-estar social da sociedade, os setores econômicos devem crescer e gerar novas riquezas para a sociedade mas, cabem aos governos usar instrumentos para tributar setores que pagam menos tributos e canalizar estes recursos para a melhoria dos setores sociais e as políticas públicas, estimulando a criatividade e, ao mesmo tempo, melhorar os serviços de saúde, incrementado a educação, fortalecendo as universidades e os centros de pesquisas, dessa forma, os trabalhadores serão mais qualificados para compreender as demandas dos setores econômicos e produtivos.

O mundo do trabalho exige novos trabalhadores para compreenderem as novas tecnologias, as novas máquinas e os novos desafios. Além dos trabalhadores, os gestores, os empresários e os empreendedores devem compreender o novo ambiente de negócio, marcados pela concorrência e pela

competição, se capacitando e se qualificando, deixando a busca de proteção de governos ineficientes e subsídios excessivos e exagerados, que engordam os lucros individuais e levam a estrutura econômica ao empobrecimento.

Neste ambiente precisamos recuperar a autoestima da população, construir ambientes de esperança e de solidariedade, resgatando os espaços de empatia e integração social. Num mundo marcado por grandes tristezas coletivas, mortes crescentes, pobreza em ascensão, incremento da população, precisamos exercer sentimentos mais sólidos de acolhimento, respeito e compaixão.

## **DESEMPREGO**

A economia mundial vem passando por momentos de grandes transformações, a instabilidade e as incertezas crescem de forma aceleradas, a pandemia está criando novos desafios, muitos setores estão desestruturados, as cadeias de produção entraram em crise, o desemprego afetou parte significativa da população mundial, exigindo políticas efetivas de geração de emprego, salário e renda, além da reestruturação das políticas existentes para reativar os sistemas econômicos e produtivos. Vivemos num momento de repensarmos a sociedade global, desde a crise de 2008, da ascensão da China, destacamos a pandemia como potencial transformadora da coletividade mundial, exigindo novas lideranças, novas agendas e novas prioridades.

A situação da sociedade é de apreensão, a fome cresce de forma acelerada, o

desemprego cresce, o subemprego e o desalento apresentam sinais de incremento, os sinais negativos da pandemia não arrefecem, gerando medos e instabilidades sociais, mostrando as desigualdades escondidas na sociedade, mostrando a falência da sociedade, falta liderança política, gestão coordenada entre os setores federativos e capacidade de gestão, deixando de difundir opiniões generalizadas e estímulo da ciência, comportamentos centrados no pensamento científico, na pesquisa e na reflexão da ciência.

Nos países desenvolvidos os governos estão injetando recursos monetários na economia, estes governos estão atuando no campo fiscal, aumentando os gastos e direcionando recursos para a geração de emprego, como forma de alavancar a economia, estimulando investimentos produtivos, ativando os recursos para a infraestrutura, adotando o receituário keynesiano.

Neste ambiente, as sociedades estão recorrendo a estímulos nos grupos mais fragilizados, canalizando recursos para alavancar os gastos das famílias e, com isso, estimulando a produção, com geração de emprego e da renda. Vivemos num momento de grande desenvolvimento tecnológico, neste ambiente de transformações aceleradas e estruturais, os trabalhadores estão percebendo a substituição de seus empregos, por máquinas e equipamentos, neste momento, faz-se necessário, a construção de um novo pacto social, evitando o crescimento da exclusão social e garantindo recursos mínimos e dignos para a sobrevivência das classes sociais, sem estes novos consensos, a ruptura deste modelo de organização social tendem a acontecer muito rapidamente e os custos sociais, econômicos e políticos impactará para toda a coletividade.

A recuperação econômica é fundamental para diminuir as tensões sociais na sociedade

brasileira, neste momento, percebemos sinais, embora incipiente, de melhoria econômica. A recuperação está sendo estimulada com o aumento das commodities que passam a estimular a entrada de moedas estrangeiras, com isso, melhora as pressões cambiais e diminuem a possibilidade de incremento nos preços. Mesmo sabendo que o momento é salutar, precisamos entender que os ventos externos positivos não tendem a estimular o crescimento da economia nacional por muito tempo, precisamos adotar uma política mais assertiva e responsável na condução da economia brasileira, deixando de lado o arrocho excessivo das contas públicas e atuando mais efetivamente nos investimentos públicos, sem os gastos públicos e investimentos consistentes em educação, pesquisa e saúde, a recuperação tende a demorar e os indicadores sociais tendem a piorar e as condições tendem a gerar desequilíbrios crescentes.

O desemprego é uma das maiores indignidades da sociedade mundial, a tecnologia deve ser vista como um instrumento para melhorar o trabalho e a produtividade, além de integração social e emocional. Nos moldes que estamos percebendo, a tecnologia está sendo vista como uma forma de apartheid social e econômica, gerando pequenos bolsões de ricos e endinheirados e uma massa enorme de indigentes e miseráveis, onde o empreendedorismo e a meritocracia aumentam a distância entre as pessoas, criando pequenas castas de privilegiados e um contingente de excluídos e depauperados.

## **PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO**

Muitos teóricos da economia do século XIX acreditavam que o incremento da tecnologia na sociedade levaria os indivíduos a terem mais tempo para o lazer, para as atividades culturais e artísticas e para a ociosidade. Infelizmente as previsões não se efetivaram, vivemos marcados por tecnologias crescentes, máquinas e equipamentos variados, comemoramos alto crescimento da produtividade e as cargas de trabalhos crescem de forma acelerada, levando o mundo do trabalho a novas transformações que geram mais desemprego, subemprego, desalentos e, mesmo os trabalhadores empregados, percebemos que as patologias laborais crescem, gerando depressões, ansiedades e desesperanças generalizadas.

Neste ambiente percebemos que as mudanças no mundo do trabalho é um dos grandes desafios da sociedade contemporânea, de um

lado, percebemos que a quantidade de riqueza cresce de forma acelerada e, ao mesmo tempo, percebemos que a pobreza cresce mais ainda, gerando conflitos, guerras, misérias e instabilidades crescentes.

A pandemia, que crassa a sociedade global, desnudou as desigualdades crescentes da sociedade mundial, levando as maiores personalidades do mundo dos negócios e dos setores financeiros, a destacarem a necessidade de estimular os governos e os gestores públicos e privados a adotarem políticas para reduzir esta mazela que desagrega as relações sociais e deixando marcas agressivas nos países e criando sequelas para todas as regiões.

A tecnologia está impactando sobre todo o processo produtivo, muitos teóricos enxergam o desenvolvimento tecnológico como instrumento de desestruturação do trabalho e outros acreditam que a solução é o

investimento maciço na educação. Na verdade, precisamos requintar a discussão, estimulando o desenvolvimento das políticas públicas, fomentando os setores geradores de empregos dignos para toda a comunidade, investimento maciço na educação, em centros de pesquisas e fomento do conhecimento, ao mesmo tempo, construindo uma estratégia de consolidação de setores industriais fortes e pujantes. Sem setores produtivos fortes, consolidados, maduros e competitivos para a geração de empregos de qualidade, perceberemos profissionais qualificados sem emprego, sendo sujeitados a trabalhos precários e mal remunerados, algo que percebemos na sociedade brasileira.

A sociedade precisa combinar estratégias de consolidação educacional e fortalecimento industrial e dos setores produtivos, impulsionando empregos qualificados e novas oportunidades para aumentar a produtividade e enriquecimento da coletividade. Neste

ambiente percebemos a importância do estímulo do empreendedorismo e da inovação, ao mesmo tempo, é fundamental a construção de novos ambientes mais afeito a desburocratização, reduzindo os excessivos subsídios de setores mais consolidados e investimentos em educação de qualidade, que forma m mão de obra para compreender os inúmeros desafios que crassa a sociedade brasileira.

Atualmente, estamos percebendo a saída de pessoas altamente qualificadas, profissionais com doutorado e pós-doutorado que estão optando por sair do país. Sem um projeto nacional consistente, com a demonização crescente das universidades públicas que são os grandes geradores de conhecimento científico nacional, além da degradação das agências de fomento e a redução de investimentos em ciência e tecnologia, muitos pesquisadores aceitam convites de centros de pesquisas e universidades estrangeiras,

abandonando o sonho de construirmos uma sociedade desenvolvida.

Estamos num momento crucial para a construção de um rumo consistente para a sociedade brasileira, a pandemia está trazendo novos desafios para a população, os investimentos em educação são dispendiosos, imprescindíveis e seus retornos são inquestionáveis no longo prazo. Neste ambiente, sem investimento e com baixa confiança viveremos saudando um falso crescimento econômico com geração limitada de emprego precário, assistindo a saída de grandes conglomerados e uma verdadeira degradação do trabalho, num ambiente caracterizado por baixo salário, sem perspectivas de desenvolvimento econômico, sem dignidade e assolado por promessas nunca realizadas.

## RECUPERAÇÃO ECONÔMICA

A economia brasileira está passando por momentos de incertezas, marcados pelos impactos crescentes da pandemia, que diminuiu o crescimento econômico, aumentou as instabilidades e gerou quebras nas cadeias produtivas e, para piorar, estamos percebendo os ecos do incremento dos preços, a tão preocupante inflação, cujos constrangimentos perduraram até os anos 90.

O crescimento dos preços é patente para todos os grupos sociais, cujos impactos são maiores sobre os setores de baixa renda, cujos rendimentos crescem menos do que os preços e aprofundam os indicadores negativos, contribuindo para piorar as condições sociais, aumentando a pobreza, a fome e a exclusão social.

O aumento dos preços é um fenômeno global. A recuperação das economias desenvolvidas,

motivadas pelos auxílios governamentais, monetários e fiscais de seus respectivos governos, além da aceleração da vacinação, levando estes países a normalidade econômica, incrementando as compras externas e impulsionando os sistemas econômicos e produtivos, com fortes pressões dos preços relativos. Neste ambiente de recuperação econômica, as compras crescem e, impactam diretamente sobre as commodities, beneficiando os exportadores de produtos agrícolas e de extração mineral.

No caso brasileiro, percebemos outros fenômenos que estimulam as pressões dos preços, onde destacamos o incremento das vendas externas motivadas pelo câmbio favorável. A desvalorização cambial aumenta os produtos exportados e pressiona os preços dos produtos importados, impactando sobre a inflação e a renda da população.

Para combater o aumento dos preços o governo utiliza a política monetária para diminuir a quantidade de moedas em circulação, aumenta as taxas de juros e reduz o crédito, levando a economia a reduzir a atividade econômica, piorando o cenário dos setores produtivos e melhora os indicadores financeiros dos rentistas, elevando os ganhos das aplicações financeiras e atraindo uma grande quantidade de moedas estrangeiras, recursos que buscam ganhos rápidos e imediatos, sem compromissos maiores para a estabilidade do país, visando apenas os ganhos financeiros e monetários. Neste momento, os rendimentos financeiros dos pequenos grupos afortunados crescem de forma acelerada em detrimento de grande parte da sociedade, gerando empregos precarizados, insuficiência de investimentos produtivos, degradação do ambiente de negócios e retardando a recuperação mais efetiva da economia.

Alguns analistas financeiros acreditam que a recuperação da economia está em curso, as vendas externas estão crescendo, a situação fiscal está melhorando e as perspectivas de crescimento estão se elevando, criando perspectivas positivas. Para muitos, estamos num momento de boom de commodities, cujos impactos para o agronegócio nacional serão positivos, garantindo recuperação da economia.

A recuperação econômica é incerta e prematura, de um lado percebemos as melhoras fiscais, mas ao mesmo tempo percebemos que a melhora está diretamente ligada ao crescimento da inflação, que turбина as receitas do Estado. De outro lado, percebemos que os indicadores sociais de emprego e renda são negativos e sem perspectivas de melhoras, o desemprego está em ascensão, rendas em queda, falência crescentes de micros e pequenas empresas, sem estas melhoras a recuperação, se vier,

será passageira e limitada para poucos setores, com pouco potencial de geração de empregos.

A economia prescinde de credibilidade e de confiança. A recuperação econômica exige ambientes consistentes e investimentos produtivos, precisamos incrementar a vacinação, reduzir a transmissão do vírus, proteção financeira para os mais fragilizados e uma ampla discussão social para o período pós pandemia. Sem atuação do Estado Nacional, sem investimento público, sem planejamento econômico, sem investimento em capital humano, sem investimentos em pesquisa e sem reconstrução dos setores produtivos, estaremos condenados a sonhar que somos eternamente o país do futuro.

## **Concentração de renda**

A pandemia está desnudando inúmeras realidades em curso na sociedade brasileira. Com este momento de crise sanitária, somados as dificuldades econômicas e políticas, estamos percebendo algumas características que muitos indivíduos não querem acreditar. Precisamos refletir sobre nossas indignidades e nos prepararmos para os desafios contemporâneos, uma sociedade cada vez mais interconectada, marcada pelo crescimento da tecnologia e da automação, centrada na concorrência crescente, mais imediatista, mais caracterizada pelo pragmatismo e, na estrutura, uma sociedade mais desigual, centrada no racismo, nos preconceitos e na exclusão social.

Os dados recentes divulgados pelo Relatório de Riqueza Global do Banco Credit Suisse, mostram que 1% da população brasileira, algo em torno de 2 milhões de afortunados

concentram mais de 49,6% da riqueza nacional. Estes números são vergonhosos e, mais ainda, quando analisamos os dados em retrospecto, percebemos que em 2010 os valores eram de 40,5%, quase dez pontos percentuais, um verdadeiro escândalo. Os dados apresentados pelo banco mostram que, na comparação entre dez países, apenas o topo da pirâmide da Rússia conseguiu concentrar mais riqueza do que a elite no Brasil.

Estas feridas foram desnudadas pela pandemia, deixando exposta a pobreza da sociedade brasileira, que sempre foi encoberta pelos grupos dominantes, que evitaram a construção de políticas efetivas para uma sociedade mais igualitária. Muitos grupos econômicos e políticos difundem conceitos de meritocracia e empreendedorismo como forma de acobertar as poucas possibilidades de ascensão social, criando expectativas positivas

de melhorias de vida e progresso social e profissional.

Neste ambiente, percebemos que nos últimos quarenta anos a economia brasileira perdeu a capacidade de geração de riquezas para a grande parte da sociedade, perdemos dinamismo industrial e a capacidade produtiva inovadora e passamos a adorar os valores da especulação financeira, enriquecendo um pequeno grupo de sábios e financistas que vivem e, enriquecendo, gerindo fortunas em um ambiente marcados por taxas de juros escorchantes e taxas de câmbio valorizado, que garantem lucros extraordinários para um pequeno grupo sem preocupação com os rumos da sociedade brasileira. Vivemos numa sociedade marcada por tributação regressista, onde os que ganham mais pagam menos impostos, nossa estrutura tributária castiga o consumo e a produção e alivia a propriedade e isentam lucros e dividendos, um escárnio mundial, garantindo benefícios para os

afortunados em detrimentos dos mais pobres e dos miseráveis, contribuindo para o quadro destacado pelo Banco Credit Suisse.

Neste momento, a FGV Social acaba de publicar o Atlas das Juventudes e de novos estudos, destacando a existência de 50 milhões de brasileiros entre 15 a 29 anos decepcionados, sem perspectivas de trabalho e insatisfeitos com a condução do país. Se pudessem, quase a metade (47%) dos jovens brasileiros deixariam o país. A pesquisa nos mostra, que se este quadro não for alterado, o cenário do mercado de trabalho para essa juventude configurará o desperdício do maior potencial histórico em termos de crescimento e produtividade brasileiros.

O mundo pós-pandemia vai exigir políticas mais efetivas dos Estados Nacionais, investimentos maciços em capital humano, em pesquisas científicas e mais consciência dos grupos dominantes e reflexões críticas pelas

elites intelectuais. Estas medidas estão sendo construídas nos países desenvolvidos, vide o intervencionismo estatal no Plano Biden. Está na hora ou melhor, já passando da hora, de seguirmos os caminhos do desenvolvimento e do bem-estar da sociedade brasileira, abandonando os caminhos da insegurança jurídica, adotando políticas tributárias progressistas, melhorando as políticas públicas e ações que estimulem o desenvolvimento, deixando para trás os dados descritos pelo relatório do banco suíço.

## **Tempestade perfeita**

Numa sociedade marcada por tantas instabilidades, onde as tecnologias ganham espaços crescentes, onde a pandemia ainda gera grandes destruições, onde a concorrência cresce de forma acelerada, onde as transformações no mundo do trabalho crescem rapidamente, gerando desempregos e subempregos, neste mundo de tantas iniquidades, sentimos mais uma outra crise, vivemos num momento de novas instabilidades, novos conflitos políticos, percebemos, literalmente que estamos sem rumo, sem perspectivas e os presságios são ruins e preocupantes.

Neste ambiente, as previsões otimistas são limitadas e centradas nas crenças dos financistas, os bons números da Bolsa de Valores e do mercado financeiro contrastam com os quase 15 milhões de desempregados, onde a fome cresce de forma acelerada,

investigações políticas, promessas de melhoras sem lastro e credibilidade. Estamos vivendo uma verdadeira tempestade perfeita, criamos fantasmas, inimigos imaginários, os confrontos se espalham pelas redes sociais e, neste ambiente, o mundo civilizado se recupera, suas economias mostram sinal de melhora e a população começa a enxergar novos movimentos de crescimento econômico. Neste ambiente, estamos aguardando horizontes positivos, mas ao mesmo tempo enxergamos apenas bizarrices, xingamentos, grosserias e contradições crescentes.

A pandemia está em curso, neste ambiente percebemos cenário de algum crescimento econômico, motivado pela economia global, alguns países estão se mostrando mais resilientes, motivados pelas intervenções econômicas agressivas, investimentos em infraestrutura e fortes recursos em ciência e tecnologia, impulsionando o consumo interno e impactando aos países em desenvolvimento.

O Brasil está sentindo o estímulo adotado pelos países desenvolvidos, como exportadores de produtos primários, a economia senti as demandas externas, aumentando as vendas externas e melhorando as contas internas, atraindo moeda forte e valorizando a moeda nacional. Estes movimentos positivos devem ser vistos como um momento de adotar políticas efetivas para melhorar os indicadores econômicos e a adoção de políticas públicas para reduzir os desequilíbrios sociais, melhorando o ambiente interno e contribuindo para a construção de um cenário marcado por credibilidade e confiança, fundamentais para aumentar o investimento produtivo e estimular novos empreendimentos.

Os desafios da sociedade brasileira são imensos, estamos convivendo com crises conjuntas com impactos desastrosos para a sociedade, gerando mais desemprego e crescimento das falências e desestruturação dos setores econômicos e produtivos. Neste

ambiente, percebemos a importância do direcionamento do Estado, como ator central nas políticas públicas, mas num ambiente de instabilidades crescentes, faz-se necessário a atuação conjunta com os mercados, construindo novos espaços de confiança mútua, sem credibilidade os agentes econômicos não investem no crescimento econômico de forma sólida, consistente e duradouro.

Neste ambiente, vivemos um momento de união de todos os atores sociais, as dificuldades crescem pelo ambiente de conflagração crescente que percebemos na sociedade nacional, mostrando que os agentes econômicos se voltam para seus interesses imediatos e particulares, sem pensar na coletividade e esquecendo do planejamento estratégico, instrumentos fundamentais para a construção de uma nação.

As dificuldades existentes na sociedade brasileira mostram as fragilidades da construção política, neste cenário os agentes políticos e econômicos precisam refletir sobre os resultados conseguidos, esta análise deve ser feita de forma racional e abrangente, percebendo os equívocos e reconstruindo espaços e caminhos mais consistentes.

Vivemos num ambiente de tempestade perfeita, muitos desafios estão acontecendo ao mesmo tempo, a pandemia matou mais de quinhentos mil brasileiros, a crise econômica está gerando desagregação de comunidades inteiras e as crises políticas podem levar o país ao caos generalizado, levando o país a um retrocesso enorme e exigindo das gerações futuras desafios sobre humanos, evitemos esta destruição, pois a história será implacável.

## **Apagão da mão de obra**

Neste momento de pandemia, marcados por grandes instabilidades econômicas, crise sanitária e constantes desequilíbrios políticos, percebemos que a recuperação da economia, fundamental para o retorno do sistema produtivo, tende a prescindir de mão de obra capacitada para alavancar a economia e retomar os investimentos produtivos, sem capital humano especializado as dificuldades da retomada tendem a se limitar a poucos setores, gerando espaços de crescimento com pouco emprego, aprofundando as gigantescas desigualdades sociais.

A sociedade precisa criar instrumentos para estimular os setores educacionais para formar mão de obra capacitada, qualificando os trabalhadores e construindo ambientes de ensino e aprendizagem, num ambiente de constantes transformações, de forte concorrência, de informações crescentes,

prescindindo de um sistema educacional consolidado, profissionais capacitados e empresas em condições de formar cidadãos críticos, metodologias modernas e fortemente competitivas.

A pandemia está acelerando os desafios para a sociedade, todos os setores estão sentindo os impactos deste fenômeno, exigindo atitudes organizadas e concatenadas, onde o planejamento e as estratégias são fundamentais, exigindo dos setores público e privado, instrumentos efetivos e imediatos para que o país consiga pensar os momentos pós-pandemia e adotar políticas planejadas. Dentre os setores mais estratégicos na economia contemporânea, não devemos relegar os setores educacionais, criando instrumentos de financiamentos, coordenação entre os setores e a construção de metodologias que motivem os estudantes e os profissionais, fomentando o dinamismo dos espíritos empreendedores,

elementos centrais neste momento de incertezas e instabilidades generalizadas.

Os índices de desemprego são preocupantes, estamos falando em mais de 20 milhões de desempregados e desalentados, cujos impactos sociais e econômicos são elevados e degradantes, com estes números, percebemos que o potencial de geração de riqueza é elevado, mas subocupado, gerando desperdício elevado para a sociedade. Uma grande contradição brasileira, estamos vivendo desemprego e subemprego crescentes e, ao mesmo tempo, carência de mão de obra capacitada, profissionais qualificados para compreender os desafios do mundo contemporâneo.

O mundo do trabalho está passando por um período de reconfiguração, marcados pela automação, pela inteligência artificial e pela quarta revolução industrial. Estes trabalhadores estão em falta na sociedade

brasileira, diante disso, os grupos econômicos e políticos precisam criar instrumentos de capacitação do capital humano, para isso, faz-se necessário a junção de todas as forças ativas da sociedade, unindo universidades públicas e privadas, centros de pesquisas, o sistema S (Senai, Senac, Sebrae, dentre outros), secretarias de educação, ministério da educação, dentre outros. O esforço deve ser costurado visando auxiliar na recuperação da economia, motivando a melhora do ambiente dos países desenvolvidos, estimulando investimentos, gerando empregos e dinamizando os setores produtivos.

Sem crescimento econômico, baixa confiança dos setores produtivos, percebemos a fuga de cérebro, profissionais altamente capacitados estão deixando o país em busca de oportunidades de trabalho e desenvolvimento profissional, desta forma, sem planejamento e organização dos setores educacionais, o país rifa o futuro e deixa de angariar novos espaços

de crescimento econômico, deixando, mais uma vez, oportunidade de surfar neste ambiente externo favorável que se avizinha.

Vivemos um momento preocupante, anteriormente éramos vistos com um futuro respeitável e admirado pela comunidade internacional, atualmente estamos se degradando a olhos vistos, neste momento de degradação, muitos jovens e adolescentes estão buscando novas paradas, deixando famílias em busca de novos horizontes, de novas oportunidades profissionais, ascensão social e melhores condições de vida. Vivemos na era da informação e do conhecimento, neste momento o ativo mais importante da sociedade contemporânea é o capital humano, sem melhorarmos a formação dos cidadãos seremos relegados ao subdesenvolvimento e a dependência eterna.

## **Oportunidades perdidas**

A sociedade internacional vem vivendo momentos de grandes transformações com impactos generalizados, o crescimento da tecnologia, mudanças no mundo do trabalho, novos modelos de negócios, instabilidades nas cadeias produtivas com reflexos imediatos sobre os preços e perspectivas de inflação. Neste ambiente, cabe a sociedade se capacitar para compreender as novas oportunidades e os desafios que se abrem para a economia nacional, com isso, se capacitar para que as oportunidades abertas no cenário global possam ser aproveitadas, angariando espaços de crescimento econômico.

Neste ambiente, os consensos internacionais estão se materializando em políticas públicas efetivas para reduzir as desigualdades crescentes em todas as regiões, não mais entre os países, como anteriormente, mas

dentro dos países, desde os países pobres como os países mais ricos. Neste momento, a pandemia está gerando novos consensos globais, a sociedade brasileira precisa se aproveitar das discussões, de forma clara e efetiva, para minorar as variadas desigualdades, que fragilizam e limitam os potenciais de desenvolvimento econômico.

Neste momento, a sociedade brasileira precisa reconstruir os instrumentos de combate à pobreza e a exclusão social, criando políticas públicas eficientes de transferências de recursos para os grupos mais fragilizados, tributando grupos que pagam menos impostos, que usam brechas legais e subsídios conquistados de forma inusual, angariando recursos contribuirão para a redução das desigualdades de riquezas e de rendas. Na condição brasileira, percebendo um fosso enorme entre os grupos sociais, criando um antagonismo crescente, gerando desagregações e conflitos generalizados,

inviabilizando a governabilidade e levando a retrocessos constantes.

Vivemos um momento de escolhas limitadas, mas cruciais, neste instante precisamos construir novos consensos políticos e econômicos, construindo espaços de negociações internacionais, priorizando os interesses nacionais, estimulando os setores que gerem novos investimentos produtivos e a geração de empregos. Na sociedade internacional, todos os países e as empresas transnacionais buscam seus interesses imediatos, angariando investimentos e visando seus interesses nacionais. No caso brasileiro, precisamos buscar os nossos interesses nacionais, construindo espaços de consenso entre as elites econômicas e financeiras, priorizando os investimentos que aumentem a capacidade produtiva da economia, a geração de empregos qualificados e a capacitação dos trabalhadores, melhorando o mercado interno e transformando-o como o grande motor de

crescimento da economia e beneficiando todos os grupos sociais, reduzindo as desigualdades e investimentos maciços em capital humano.

As oportunidades abertas na sociedade internacional neste momento de pandemia precisam ser mais encaradas com maior planejamento estratégico e profissionalismo, estudando as políticas de desenvolvimento de países que conseguiram entender as bases do crescimento econômico, onde destacamos os países asiáticos e as políticas adotadas pelos Estados Unidos, vide os fortes investimentos na indústria bélica e nas políticas de inovação e proteção de seus interesses nacionais, como estamos percebendo nos conflitos com os chineses em torno da indústria 5G e da indústria de semicondutores.

A sociedade brasileira construiu, com o passar dos tempos, setores importantes na economia internacional, onde destacamos o agronegócio, o complexo de petróleo e gás e os setores

vinculados ao complexo da saúde. Estes setores, ao contrário do agronegócio, perderam espaço no cenário global, cabendo ao país repensar estas indústrias e reconstruir os laços do desenvolvimento, investindo maciçamente nestes setores, gerando empregos qualificados e estimulando outros com potencial dinamizador. Estas políticas foram amplamente utilizadas por países que construíram espaços de respeito na comunidade internacional, alguns analistas ainda querem acreditar que os avanços foram possíveis por gênios empreendedores dotados de grande competência gerencial e inovação, mas na verdade isso só se materializou em decorrência da mão visível, ativa e intervencionista dos Estados Nacionais, lembrem-se sempre disso.

## **Desindustrialização**

A pandemia está acelerando inúmeras transformações na sociedade global, exigindo novos comportamentos, novos hábitos e abrindo novas oportunidades, num mundo cada vez mais integrado, mais competitivo e centrado na instabilidade e no incremento das incertezas. Diante disso, os governos, as empresas e os trabalhadores passam por momentos de disrupturas, exigindo consensos políticos, projetos econômicos, visão social e ambiental, além de forte liderança.

Dentre os grandes desafios brasileiros, destacamos a reconstrução da estrutura industrial que, até pouco tempo era vista como uma das áreas mais dinâmicas e geradoras de emprego e qualificação profissional. Vivemos um momento de desindustrialização, onde a indústria nacional está perdendo espaço na estrutura produtiva. Nos anos 80, a indústria era responsável por mais de 30% do PIB,

atualmente percebemos que o setor se concentra em menos de 10%, contribuindo para as dificuldades da economia brasileira, como a perda de produtividade, a baixa geração de empregos qualificados e o dinamismo do setor industrial, um verdadeiro espaço de construção de novas tecnologias e inovação, desafios centrais na sociedade contemporânea.

Segundo pesquisa recente divulgada pelo IBGE, nos últimos seis anos, o país perdeu mais de 30 mil indústrias. Segundo o instituto, os dois motivos da perda do dinamismo industrial estão ligados a recessão do período, com impactos agressivos sobre a estrutura industrial, aumentando o desemprego e reduzindo a renda agregada. A pesquisa identificou ainda, que muitas empresas transnacionais foram desativadas para reconfigurar os custos produtivos, ou seja, muitas empresas foram fechadas no país,

priorizando mercados mais rentáveis e confiáveis.

A desindustrialização brasileira está ligada aos movimentos de estabilização dos anos 90, onde os sucessivos governos se utilizaram do câmbio como instrumento de combate à inflação. A valorização cambial estimulou a entrada de produtos estrangeiros e aumentou a oferta de produtos importados motivando a concorrência interna, gerando uma queda substancial de preço. Em contrapartida, muitos setores produtivos sentiram na pele a concorrência externa e foram forçados a adotarem políticas de reestruturação, gerando redução de custos de produção como forma de sobreviver, adotando políticas de redução de funcionários, redução de custos e contribuíram para a diminuição de empregos nos setores industriais, levando a uma massa de desempregados e forçando muitos trabalhadores qualificados a saírem do país ou se transformarem em motoristas de aplicativos,

sem proteção, sem segurança e sem perspectivas.

A indústria sempre foi vista como um setor intensivo em mão de obra, podendo gerar salários superiores aos de atividades como serviços e comércio, com o processo de desindustrialização em curso, muitos empregos foram absorvidos pelos setores de serviços, mas com salários menores, com isso, percebemos uma redução da massa salarial e uma efetiva queda da renda dos trabalhadores, empobrecimento da população, impactando na estratégia de muitas empresas transnacionais que passaram a se concentrar em mercados mais rentáveis e deixando mercados como o brasileiro, desta forma, observamos a saída de inúmeras empresas do mercado brasileiro, gerando mais desempregos e desesperanças.

Os países desenvolvidos estão se desindustrializando depois de alcançarem altos níveis de industrialização, no caso brasileiro

vivemos um processo de desindustrialização antes de nos tornarmos grandes países industrializados. A desindustrialização é um verdadeiro retrocesso nacional, estamos perdendo espaço no setor produtivo global e nos concentrando nos setores primários que, embora importante, não possui força para impulsionar a economia nacional. A pós-pandemia abrirá novas oportunidades de industrialização, investindo em setores estratégicos e absorvendo empregos qualificados e repensando o planejamento, que a ausência contribuiu para o crescimento da financeirização e da estagnação dos setores produtivos.

## **Desenvolvimento econômico**

A economia vem passando por grandes transformações nos últimos anos, gerando alterações estruturais e conjunturais em todas as nações, aumentando os desafios e criando oportunidades. A pandemia gerou muito mal-estar na civilização, exigindo novas posturas, novos comportamentos e novos consensos políticos e institucionais, além de liderança, competência e diagnósticos precisos.

Dentre os novos desafios da sociedade, é fundamental que as nações passem a repensar suas estruturas econômicas e produtivas, analisando para onde os países estão caminhando e quais rumos da sociedade para os próximos anos, criando os consensos necessários num momento de instabilidade e desafios crescentes, individuais e coletivos, somados as novidades, ainda desconhecida, no mundo pós-pandemia.

Neste momento, percebemos inúmeros países repensando suas economias, reconvertendo projetos institucionais, priorizando investimentos sociais e construindo consensos centrais para estimular o desenvolvimento econômico. A sociedade brasileira passou por um grande salto produtivo no século XX, saímos de uma economia agrícola, dependente de produtos primários de baixa valor agregado para uma economia marcada por setores industriais de média complexidade e um setor do agronegócio pujante e com forte capacidade produtiva.

Desde os anos 80 a economia brasileira perdeu dinamismo e o sonho do desenvolvimento econômico ficou mais distante, com impactos negativos na sociedade, baixa produtividade e perda de mercados externos. A pandemia pode nos trazer novas perspectivas para a economia brasileira, diante disso, faz-se necessário a construção de consensos internos e

crescentes investimentos em capital humano. Os países que conseguiram ultrapassar a renda média garantiram grandes investimentos em setores produtivos estratégicos, centrados num projeto nacional que atraia todos os atores econômicos em prol do incremento da produtividade da economia.

O crescimento é fundamental para a construção do desenvolvimento econômico, mas insuficiente se este crescimento não for dividido para toda a coletividade, para que isso aconteça, é fundamental a construção de um projeto político que perpassasse um governo, mas deve ser visto como um projeto de Estado, cujos setores dinâmicos participem ativamente desta empreitada, contribuindo para o tão sonhado desenvolvimento econômico, que inclua a população, preserve a meio ambiente e a melhoria do bem-estar social da coletividade.

O desenvolvimento econômico é um projeto político que envolve todos os setores econômicos, sociais e políticos, investindo fortemente na formação de capital humano, fortalecendo os centros de pesquisas, priorizando gastos nas universidades, fomentando centros de inovação, estimulando um ambiente de cooperação e parceria entre os setores produtivos.

O desenvolvimento econômico pressupõe uma associação entre os setores industriais e produtivos com as universidades e os centros de pesquisa, motivando o ensino da ciência e da tecnologia, angariando trabalhadores altamente capacitados, com salários elevados e impulsionando o mercado consumidor e estimulando o aumento da demanda, dinamizando a economia, o emprego e os investimentos produtivos.

Nesta construção do desenvolvimento econômico, faz-se necessário recursos para

financiar os investimentos em infraestrutura física e imaterial, políticas públicas, pesquisa científica e tecnológica e maciços recursos em formação de capital humano. Os recursos devem ser extraídos de uma ampla mudança da estrutura tributária, alterando as bases dos tributos, reduzindo a excessiva desoneração que poucos ganhos trouxeram para a sociedade, tributando as propriedades, o patrimônio, os lucros e os dividendos, e desestimulando o capital financeiro improdutivo em detrimento de consumo e da produção.

O desenvolvimento econômico exige maturidade dos setores políticos e econômicos, além de liderança, planejamento e estratégias definidas, sem projetos econômicos e políticos consistentes, estaremos nos distanciando do desenvolvimento e caminhando, a passos longos, a estagnação e a desintegração social.

## **Recuperação ameaçada**

A pandemia gerou graves constrangimentos na sociedade global, afetando comportamentos, alterando hábitos, crises econômicas, desemprego em ascensão, desesperanças e perspectivas preocupantes, levando os governos a atuações mais intensas em seus sistemas econômicos e produtivos, injetando recursos, protegendo setores, aumentando os investimentos em políticas sociais, retomando planejamento e políticas intervencionistas.

Diante deste ambiente, muitos analistas econômicos, defendiam a tese de que a economia brasileira estava em recuperação, construindo uma narrativa de que o pior teria ficado para trás. A recuperação era vista como sólida e consistente, motivando os investimentos, a geração de empregos e perspectivas de melhorias no incremento da renda, dos salários e do consumo. Infelizmente, as perspectivas positivas estão

se mostrando exageradas e a recuperação econômica está se mostrando fraca e limitada.

O cenário do segundo semestre vai ficando turvo para a economia brasileira diante do crescimento de múltiplos riscos: inflação persistente, seca histórica que compromete o abastecimento de energia elétrica e do agronegócio, altas de juros e desarranjo fiscal somado à deterioração do ambiente político e institucional. A recuperação em V tão alardeada pelos integrantes da equipe econômica nos parece bastante distante da realidade do país, com graves estrangimentos para o equilíbrio político, social e institucional.

A recuperação econômica, depois de uma queda elevada no ano passado, pressupõe uma política consistente e organizada, onde os setores econômicos precisam de um ambiente centrado na confiança e no aumento da credibilidade, criando os consensos

necessários e imprescindíveis para que os investimentos produtivos voltem a estimular o crescimento econômico. Sem investimentos produtivos não teremos recuperação econômica.

Falar em recuperação econômica com quase 15 milhões de desempregados, 6 milhões de desalentados e 20 milhões de subempregados é uma temeridade e uma verdadeira irresponsabilidade, contribuindo para criar uma narrativa inconsistente que não tem lastro na realidade. O combate ao desemprego deve ser visto como uma prioridade nacional, a geração de emprego prescinde de investimentos em obras públicas e centrados na economia verde e, infelizmente, as discussões se concentram em políticas para reduzir os benefícios sociais que estimulam empregos degradados e a diminuição da renda do trabalhador que contribui para este cenário de desalento e desesperança.

Destacamos ainda o crescimento da inflação que levou o governo a aumentar as taxas de juros na economia, cujos impactos são negativos sobre a renda da população, diminuindo os investimentos produtivos e elevando as dívidas das famílias. Tudo isso contribuiu enormemente para a degradação econômica e fragiliza o discurso da recuperação da economia, que esconde inoperância e a ausência de um projeto nacional consistente.

As contas públicas sempre geraram instabilidades na economia brasileira, no começo do ano muitas previsões de especialistas era que caminhávamos para uma escalada na dívida pública. A relação dívida/PIB se reduziu, gerando expectativas positivas, mas isso não ocorreu por alguma reforma fiscal, a reversão aconteceu em decorrência do incremento da inflação que escondeu parte do problema e,

posteriormente, voltará a aparecer quando a inflação diminuir.

Para contribuir negativamente, a crise de energia e a variante Delta geram mais incertezas e instabilidades, impactando sobre a recuperação econômica, afastando investimentos internos e estrangeiros e postergando a construção de um ciclo de crescimento econômico. Nos países avançados, a recuperação econômica está centrada em dois elementos fundamentais: a vacinação, com a economia voltando a um nível de normalidade e estímulos fiscais. Sem estas medidas efetivas de incentivos econômicos e do incremento da imunização, a economia brasileira não conseguirá se reerguer, o cenário permanecerá instável e as narrativas de recuperação se mostrarão cada vez mais reduzidas e limitadas.

## **Ciência e tecnologia**

Numa sociedade marcada por grandes transformações tecnológicas, percebemos que as alterações recentes estão gerando grandes oportunidades e desafios, neste ambiente, os investimentos em ciência e tecnologia ganham espaços nas economias como forma de melhorar os indicadores sociais e o bem-estar da coletividade. Os investimentos em ciência e tecnologia são cruciais para aumentar a autonomia e a soberania nacionais, num momento de conflitos geopolíticos, econômicos e financeiros.

Ao analisar os países desenvolvidos percebemos fortes investimentos pregressos em capital humano, pesquisa, ciência e tecnologia, melhorando as estruturas produtivas, aumentando a produtividade e incrementando o bem-estar da população. Os países subdesenvolvidos ou periféricos, carecem de investimentos em capital humano,

com isso, constroem sociedades atrasadas socialmente e frágeis estruturas econômicas, perpetuando atraso e degradações.

Os investimentos em ciência e tecnologia, centrados em inovação exigem a construção de consensos sociais e políticos, colocando os investimentos produtivos, tanto público quanto privado, em ascensão, estimulando a produção científica das universidades, das faculdades e dos centros de pesquisas, agentes centrais do desenvolvimento de novas tecnologias, contribuindo para a capacitação dos setores produtivos para a competição da contemporaneidade.

Os países que se desenvolveram economicamente conseguiram alçar novos degraus tecnológicos, construíram sólidos espaços de inovação e fortes instrumentos de fomento a ciência e a tecnologia, onde destacamos os países asiáticos, que conseguiram angariar novas posições na

concorrência global, construindo indústrias de ponta e desenvolveram novos modelos de negócios que revolucionaram o cenário global, levando estes países para o centro das inovações globais.

As inovações foram motivadas por fortes e consistentes projetos nacionais, centrados em planejamento, com políticas efetivas de inovação, cobranças por retornos no longo prazo, financiamento fartos e taxas de juros baixas, compras governamentais, proteção de setores estratégicos e fortes investimentos em educação, desde as tenras idades até as universidades, construindo centros de pesquisas e laboratórios de inovação e de empreendedorismo, criando um ambiente de cooperação entre os setores privados e os órgãos governamentais.

Os investimentos em educação geram grandes retornos econômicos e sociais para a coletividade, exigindo um direcionamento da

sociedade para a construção de setores produtivos dinâmicos, eficientes e flexíveis, garantindo a atração de profissionais de alta qualificação, garantindo salários elevados e estímulos crescentes para o mercado consumidor.

Sabemos que os investimentos em inovação são altamente arriscados e são marcados por grandes riscos. Os recursos são vultosos e as perdas são imensas, os países que conseguiram construir grandes setores produtivos tiveram altas perdas na caminhada, mas conseguiram construir novos empreendedores, novos modelos de negócios e lucros extraordinários. Uma das empresas mais admiradas da sociedade global, a norte-americana Apple, foi construída não apenas pela genialidade de seu criador, mas contou por investimentos vultosos do governo dos Estados Unidos, além de pesquisas desenvolvidas pelas forças armadas e pelos órgãos de pesquisas oficiais. Diante disso,

percebemos que a inovação é um investimento de longo prazo, cujos recursos iniciais foram iniciados pelos governos nacionais, sem estes, estas tecnologias dificilmente existiriam.

Na contramão dos países desenvolvidos, que construíram uma ampla discussão política entre os atores econômicos e produtivos, o Brasil materializa seu atraso no ranking internacional da educação, das ciências e das tecnologias. Na ausência de estratégias claras e eficientes, sem planejamento e coordenação do Estado Nacional, estamos condenando o futuro do país a ser uma economia exportadora de produtos agrícolas e extrativos de baixo valor agregado. Estamos rifando o futuro do país e perpetuando a subserviência econômica e política de outras nações que, anteriormente, conseguiram investir em inovação e passaram a dominar as cadeias globais de tecnologia.

## **Confiança**

Vivemos num momento de grandes alterações estruturais, a pandemia está transformando as relações sociais, os hábitos e os comportamentos mudam rapidamente, exigindo adaptações constantes, as empresas precisam se adaptar a estes novos ambientes, criando novos produtos, bens e mercadorias. Os consumidores sentem intimamente as alterações, o mercado de trabalho exige qualificações e capacitações cotidianas e os governos buscam maior transparência e modernização. Vivemos num momento de incertezas e de instabilidades em ascensão, com medos novos, preocupações crescentes e uma busca constante por confiança e credibilidade, como forma de reconstruir os laços do sistema social e econômico.

Nesta sociedade, a confiança é fundamental para a reconstrução dos laços econômicos, centrais para a consolidação dos espaços

políticos e o fortalecimento dos valores sociais, sem confiança os investimentos não se realizam, as estruturas produtivas pouco evoluem e as questões sociais se agravam, criando crises institucionais e conflitos dos agentes sociais, reduzindo os espaços de recuperação econômica.

A sociedade vive um momento de grandes desconfianças, a pandemia gerou graves constrangimentos, milhares de mortes, crise sanitária, desajustes produtivos e uma constante crise política, colocando os setores políticos em conflitos abertos. Sem confiança os setores produtivos postergam investimentos, aumentam o desemprego, falências crescentes, aumento da miséria e da exclusão social, desnudando a desigualdade da sociedade brasileira, exigindo uma atuação rápida e eficiente do Estado Nacional.

A confiança é fundamental para consolidar a recuperação da economia e retomar os

investimentos produtivos. Sem confiança os atores nacionais e internacionais tendem a reduzir as exposições na economia nacional e postergando os projetos de investimentos. Num ambiente globalizado, a confiança é o cimento social crucial para a consolidação dos acordos políticos de reconstrução nacional, este cimento social está no cerne dos movimentos de recuperação da autoestima, a atração de investimentos e a geração de novos empregos.

Percebemos o aumento da desconfiança no cenário interno, os atores econômicos desconfiam uns dos outros, os setores buscam seus interesses imediatos, os projetos nacionais são substituídos por interesses individuais e os investimentos se concentram em especulações crescentes, aumentando os ganhos dos rentistas em detrimento da sociedade em geral, degradando a maioria dos trabalhadores e contribuindo para piorar a concentração da renda e piorando as

condições de vida da grande massa da coletividade.

Os programas econômicos prescindem de liderança política e projetos nacionais, mostrando para a sociedade os passos que devem ser seguidos como forma de levar a sociedade ao desenvolvimento. Sem liderança política os setores econômicos e produtivos carecem de rumos e direcionamentos, num momento de graves transformações da sociedade internacional é fundamental a construção de confiança entre os poderes institucionais, deixando de lado os conflitos que criam instabilidades, inimizades, postergam os investimentos e levam ao caos econômico.

No ambiente econômico percebemos sinais preocupantes no front fiscal, contas públicas, inflação acelerada, juros em elevação, aumentando a desconfiança dos agentes econômicos, reduzindo investimentos

produtivos e postergando a retomada dos indicadores macroeconômicos, com graves prejuízos para o sistema econômico e produtivo. A confiança prescinde de fortes acordos políticos e consensos sociais, dinamizando a democracia e construindo espaços sólidos e consistentes para a recuperação. Sem confiança cultivaremos mais incertezas, instabilidades e uma frágil recuperação econômica, com forte degradação social, fome e exclusão, agravado com a pandemia.

A sociedade brasileira precisa encarar os grandes desafios do mundo contemporânea, escolhendo os caminhos corretos e abandonando subterfúgios que postergam a recuperação da economia. As grandes crises servem como espaço de reconstrução dos laços sociais e de consolidação dos setores produtivos. Sem confiança não teremos recuperação econômica, infelizmente.

## **Recuperação da economia em K**

A recuperação brasileira é um dos maiores anseios da sociedade brasileira, sem recuperação das atividades econômicas os agentes econômicos não conseguem criar cenários consistentes, gerando novos investimentos produtivos, aumentando o emprego, melhorando os indicadores de renda e salário, dinamizando a produção e abrindo espaço para perspectivas mais positivas, numa sociedade que passa por grande desagregação na estrutura produtiva e indicadores sociais e políticos sofríveis.

Vivemos uma verdadeira tempestade perfeita, fomos vitimados por graves crises concomitantes, desde a degradação gerada pela pandemia, desestruturação das cadeias produtivas com impactos sobre o aumento do desemprego e redução da renda agregada, além de graves conflitos institucionais entre os poderes e fortes pressões inflacionárias,

acrescentamos ainda os riscos de apagão energético, com aumento dos preços da energia, penalizando os setores produtivos e impactando fortemente sobre os grupos mais fragilizados.

O cenário que estamos presenciando nos gera preocupações crescentes, medos de conflitos institucionais, descontrole dos preços e limitações da recuperação econômica, postergando a melhora do ambiente econômico, retomando os investimentos produtivos e criando as perspectivas na melhoria dos indicadores sociais.

Neste ambiente percebemos muitos analistas destacando que a economia tende a se recuperar em V, ou seja, depois de forte retração econômica, a recuperação atual tende a ser rápida e consolidada, melhorando os indicadores macroeconômicos. Infelizmente estas análises estão se mostrando limitadas, a recuperação ocorre lentamente, os indicadores

positivos são localizados e o cenário econômico é frágil, carecendo de investimentos públicos e a ausência de planejamento econômico. Percebemos que estamos vivendo uma recuperação em K, ou seja, uma recuperação limitada e desigual, onde os grupos de cima ganham mais em detrimento dos grupos mais fragilizados, uns poucos grupos ganham mais e outros perdem cada vez mais, contribuindo para o crescimento da desigualdade, gerando conflitos distributivos e instabilidades social e política.

Vivemos num momento de boom das commodities, ou seja, os preços dos produtos primários estão em alta no mercado internacional, elevando os ganhos para os setores ligados ao agronegócio, mesmo assim, este boom de compras externas não está estimulando a recuperação econômica, além de desvalorizar o câmbio, elevando os preços

internos, com fortes impactos na inflação e redução da renda agregada.

No começo do século, o boom das commodities se caracterizou pelo crescimento da economia, gerando estabilidade e ganhos substanciais para os setores produtivos, melhorando os indicadores macroeconômicos, valorizando o câmbio, reduzindo a inflação, aumentando o emprego, a renda dos trabalhadores e dinamizando os setores produtivos.

Naquele momento, o boom de commodities foi associado a políticas públicas efetivas de inclusão social, aumento dos salários, incremento do crédito e elevação dos investimentos públicos em setores de infraestrutura, gerando aumento no emprego, melhora na renda e estímulo ao consumo e, em contrapartida, mais produção e melhora nos indicadores macroeconômicos. Atualmente, percebemos o incremento das

commodities e, infelizmente, os resultados positivos não estão aparecendo, as vendas externas do agronegócio crescem, os lucros crescem rapidamente, garantindo melhorias na arrecadação pública e o enriquecimento de setores agroexportadores, mas a recuperação não acontece.

A recuperação econômica prescinde de instrumentos efetivos do Estado, estamos num momento de oportunidades crescentes geradas pelo boom das commodities, precisamos construir políticas públicas para aumentar a renda e os salários da população, concedendo crédito para a população e retomando os investimentos públicos, que atualmente são os menores em décadas. Sem estas políticas ativas e consistentes do Estado, a recuperação em K se efetivará, gerando ganhos crescentes para uma minoria e perdas crescentes para a maioria da população.

## **Caos generalizado**

A economia brasileira está caminhando a passos largos a uma recessão com impactos generalizados para grande parte da sociedade, com incremento dos conflitos institucionais, diminuição da confiança e da credibilidade dos agentes econômicos, com queda dos investimentos e instabilidades que nada auxiliam na recuperação da economia, neste ambiente de incertezas o desemprego aumenta, a renda diminui e limitam as perspectivas de melhora econômica.

Vivemos um momento de desgoverno, descrédito e instabilidades crescentes, a inflação cresce de forma acelerada, o câmbio se desvaloriza e impacta sobre os preços internos. Os preços proibitivos dos combustíveis impactam diretamente sobre a estrutura produtiva, prejudicando a grande massa da população, inviabilizando os motoristas dos aplicativos que ganharam

relevância neste período de pandemia. O aumento dos preços dos combustíveis garante os lucros de um pequeno grupo social em detrimento da população, contribuindo para a piora da concentração da renda, aumentando a inflação e reduzindo a renda da população, efeito imediato menos consumo e menor geração de emprego.

No país do agronegócio, conhecido como o celeiro do mundo, a fome e a exclusão crescem de forma acelerada e, em contrapartida, os ganhos dos grandes produtores agrícolas crescem, estimulando o consumo nos mercados de luxos, estimulando os investimentos em imóveis de alto padrão e aumentando a ostentação, contribuindo para incrementar as contradições que crescem na sociedade brasileira, perpetuando os privilégios de poucos grupos em detrimento de uma sociedade centrada na desigualdade, no racismo e na exploração.

Neste ambiente de incertezas e instabilidades os investimentos se concentram no curto prazo, o planejamento é deixado de lado e prescinde de profissionais altamente capacitados para entendermos o momento e construirmos os cenários futuros. Os investimentos que dominam a economia brasileira buscam rendimentos imediatos e deixam de lado os dispêndios de longo prazo, postergando os recursos para a infraestrutura, negligenciando os investimentos da educação, cujos retornos são mais distantes e demorados, a ciência e a tecnologia são negligenciadas e nos tornando mais dependentes do mercado internacional, acreditando que as tecnologias estarão disponíveis para a aquisição no mercado global. A pandemia nos mostra que, sem desenvolvimento próprio de tecnologias, de máquinas e de vacinas, somos cada vez mais dependentes dos humores dos agentes econômicos e políticos internacionais, países

que optaram, anteriormente, na construção de sua autonomia científica e tecnológica.

Estas tecnologias podem estar disponíveis no mercado global, mas os valores serão, cada vez mais elevados e, num momento de crises mundiais, como numa pandemia, os desenvolvedores destas tecnologias priorizam seus mercados internos e seus interesses imediatos, deixando de lado seus “parceiros” comerciais. Neste ambiente de grandes desafios e concorrências crescentes, os investimentos em educação, pesquisa, ciência e tecnologia se mostram cada vez mais relevantes e, infelizmente, não estamos aprendendo as lições deste momento de pandemia e de crises crescentes, insistindo em conflitos políticos desnecessários, propondo pautas atrasadas e perpetuando o caos generalizado.

A pandemia desagregou as estruturas produtivas globais, gerou aumento dos custos

produtivos, a falta de insumos está levando muitos conglomerados a rever políticas de investimentos, aumento da inflação e levando os bancos centrais a elevarem as taxas de juros, cujos impactos imediatos são visíveis na economia brasileira, menos investimentos, menos empregos, mais inflação e maior endividamento das famílias e dos setores produtivos.

Num ambiente de desconfianças e discursos de ódio e de ressentimento, precisamos de uma agenda para superarmos os atrasos que perpetuam nosso subdesenvolvimento, atacando os verdadeiros problemas da sociedade brasileira, a pobreza, a fome, a exclusão social e o desemprego que crescem de forma acelerada.

## **Projeto nacional**

A pandemia desnudou as desigualdades crescentes da sociedade global, mostrando que os seres humanos se comprazem com o imediatismo, buscam as riquezas degradando o meio ambiente e acreditam que a tecnologia é a solução dos mais variados problemas da coletividade, estimulando os investimentos em tecnologia sem humanismo, sem solidariedade e sem empatia, o mundo caminha a passos largos para a degradação, a incivilidade e a mediocridade.

Neste ambiente, percebemos que a sociedade brasileira passa por um momento de grandes desagregações, as taxas de miséria e de exclusão social crescem de forma acelerada, a inflação propaga para todos os grupos sociais e impacta fortemente para os setores mais fragilizados, os preços dos combustíveis aumentam sem dar trégua, fragilizando os setores que acreditaram que a solução do

momento é a difusão dos aplicativos. Neste momento, os preços de todas as cadeias produtivas crescem de forma acelerada, com isso, os trabalhadores perdem renda e são levados a aceitarem cargas excessivas de trabalho, criando transtornos e dores crescentes, síndromes de burnout, depressão e problemas psiquiátricos.

O ambiente exige a reconstrução nacional, estamos nos aproximando de duzentos anos de independência e os resultados são preocupantes, necessitamos de liderança e precisamos, urgentemente, de um projeto nacional e construir um ambiente saudável para imaginar o futuro desta nação, deixando de lado os interesses mesquinhos e imediatos, buscando as bases do progresso material e emocional, se afastando do caos e da ingovernabilidade.

O século XX trouxe grande crescimento econômico para o Brasil, tivemos problemas e

muitos equívocos como todas as nações. Erramos em alguns setores fundamentais e acertamos em outros, os resultados gerais foram positivos, saindo de uma situação intermediária no cenário internacional e nos tornamos uma das dez maiores economias do mundo. Naquele momento, o Brasil recebia delegações de vários países do mundo que queriam entender o rápido crescimento do país, éramos vistos como exemplo no mercado internacional, sociedade pujante e dotada de forte potencial de crescimento e de desenvolvimento econômico.

Infelizmente, atualmente perdemos este potencial de crescimento, desde os anos 80 entramos num ambiente de mediocridade, estabilizamos nossa moeda e controlamos a inflação, desenhamos políticas públicas exitosas e crescemos internamente e recebemos elogios internacionais. Desde 2015, perdemos o dinamismo na economia global, passamos a sermos vistos como uma

preocupação e nossas perspectivas futuras são sombrias.

O momento pressupõe liderança, organização política e competência de todos os atores econômicos e políticos, construindo um espaço de conversação onde todos os grupos sociais devem participar, intensificando as discussões democráticas, construindo projetos nacionais, repensando o papel do Estado Nacional, estimulando a atuação dos setores privados como atores dos investimentos produtivos e da geração de emprego e de renda. Neste momento de grande instabilidade econômica, pandemia e polarização crescente, precisamos aprofundar a democracia, os valores republicanos e os sentidos da civilização.

Não criaremos um país sem reconstruirmos os laços de solidariedade, sem nos revoltarmos com as condições indignas de trabalho e de sobrevivência que é a realidade de uma parte crescente da sociedade nacional. Precisamos

compreender que o século XXI prescinde de capital humano qualificado, escolas e universidades bem estruturados, salários dignos e condições de trabalho decentes, tudo isso, pressupõem recursos elevados que se reverterá em uma política fiscal centrada em tributos equilibrados, onde os grupos que auferem mais rendas devem pagar mais em detrimento dos mais pobres, uma estrutura tributária deve ser progressiva para toda a coletividade, sem vencermos estes entraves, a sociedade brasileira tende a repetir os dados preocupantes e perspectivas sombrias.

## **Rumores externos**

A sociedade internacional vem passando por grandes transformações e incertezas em todas as cadeias produtivas, com impactos nos preços e pressões inflacionárias, impactando sobre o consumo, sobre os investimentos, sobre os empregos e as perspectivas de recuperação econômica, aumentando as instabilidades e as preocupações, gerando problemas sociais, quebras econômicas e degradação política.

Para piorar este cenário, a economia internacional acordou sobre as perspectivas da falência de um dos grandes conglomerados imobiliários da China, Evergrande, cujo potencial pode ser gigantesco, com impactos sobre a economia, a demanda global de produtos importados e desestruturação do sistema financeiro, com desemprego, queda na renda e a dificuldade de recuperar os

indicadores econômicos, tão degradados em momentos de pandemia.

O mercado imobiliário na China é gigantesco, nos últimos dez anos mais de 130 milhões de pessoas saíram do campo para viver nas cidades, sendo construídos mais de 70 milhões de apartamentos, apenas para absorver esta demanda de uma economia que cresce de forma acelerada. Com este crescimento, o setor se alavancou rapidamente, gerando bolhas de créditos que levaram o governo a costurar novas regulações e impactaram sobre as compras, diminuíram o crescimento econômico, reduzindo lucros e estimularam as dificuldades atuais.

Os dados sobre a empresa chinesa são assustadores, emprega mais de 200 mil funcionários, o endividamento da empresa chegou a mais de US\$ 300 bilhões, sendo que mais de 100 bancos emprestaram a empresa e

correm o risco de prejuízos altíssimos, gerando preocupações e descontentamentos. Apesar destes dados, não devemos esperar uma crise financeira como a do mercado imobiliário norte-americano em 2008. Desde o começo do ano as ações da Evergrande caíram mais de 80% e a empresa está tentando queimar estoques para pagar juros dos títulos que estão vencendo.

Embora alguns analistas acreditem que a crise da empresa chinesa pode impactar sobre o sistema internacional, é importante destacar que o sistema financeiro chinês não é integrado ao resto do mundo e as autoridades possuem instrumentos para garantir a liquidez do sistema, não importando o tamanho do buraco. Devemos destacar ainda, que mais de 80% do endividamento da empresa é em moeda local e os grandes credores são bancos públicos.

Países como o Brasil podem sentir a crise na queda das exportações para o mercado chinês, cuja demanda por commodities podem reduzir e impactar sobre o setor produtivo, principalmente pelos setores ligados ao minério de ferro e, em menor escala sobre os produtos do agronegócio, mas os riscos não devem ser descartados e nem desprezados.

Alguns analistas acreditam que a China caminha para a fragilização do modelo implementado no começo dos anos 80, outros teóricos acreditam que a crise do mercado imobiliário era esperada e deve reestruturar alguns modelos de negócios e o combate dos monopólios devem ser aperfeiçoado, pois a concentração de poder impacta negativamente para a coletividade, nesta visão, a crise da Evergrande deve ser vista como uma forma de repensar a atuação do Estado, como estamos vendo em países desenvolvidos, com maior intervencionismo governamental e maior regulação.

Neste ambiente de crises crescentes que caracterizam o mundo, marcados pelas incertezas e instabilidades geradas pela pandemia, as dificuldades das cadeias produtivas com aumento nos custos e do incremento da concorrência em escala global, faz-se necessário, construir espaços de atuação conjunta com todos os atores do desenvolvimento econômico. Deixando de lado os crescentes conflitos e confrontos desnecessários que limitam a confiança, a melhora do ambiente dos investimentos, a geração de emprego e a melhoria do bem-estar da sociedade.

## **Negociação e soberania**

Vivemos um momento de apreensão crescente, neste instante, percebemos novas oportunidades, novas prioridades e novos desafios que podem mudar os rumos nacionais e internacionais. Neste ambiente, precisamos de sobriedade, visão estratégica e grande ousadia, sob pena de continuar e perpetuar nossas deficiências e se nos acomodarmos com a mediocridade que permeia a sociedade, naturalizando com o crescimento da fome, da exclusão social e da degradação dos indicadores negativos que crescem cotidianamente.

Na sociedade global, percebemos os confrontos entre os dois grandes atores da economia internacional, EUA X China, onde alguns analistas acreditam que rumamos para uma nova guerra fria, criando constrangimentos, preocupações e alinhamentos imediatos. Neste cenário,

precisamos definir os rumos que, como país soberano e independente, devemos trilhar neste conflito que está se aproximando nos próximos anos, alterando comportamentos, adotando providências urgentes, atuação geopolítica e conscientização de todos os atores internos, sob pena de perdermos espaços no novo cenário global, marcados pela concorrência entre todos os atores nacionais e internacionais.

O mundo pós pandemia aprofundará a concorrência entre os atores econômicos, buscando solidificar suas estruturas produtivas, garantindo a capacidade de novas tecnologias e fortalecendo seus setores internos, criando espaços de desenvolvimento de tecnologias e criando instrumentos para reduzir a dependência de outras nações. A pandemia nos trouxe inúmeros legados, onde destacamos a busca crescente de autonomia tecnológica, todos os países que abriram mão de sua estrutura produtiva e de seu

fortalecimento industrial tiveram fortes dificuldades para adquirir tecnologias para suprir as necessidades de suas populações. O Brasil é um exemplo claro, anteriormente éramos pioneiros em alguns desenvolvimentos científico e tecnológico, participávamos em consórcios internacionais e, atualmente, perdemos a relevância no mercado internacional, perdemos a relevância no cenário internacional e mostramos mais dependentes, mais fragilizados e mais subalternos dos interesses dos grandes atores externos.

Neste ambiente de ampla competição, os gestores públicos devem construir instrumentos para melhorar seus indicadores científicos e tecnológicos, fortalecendo as parcerias com os maiores atores internacionais e utilizando sua capacidade de negociação, buscando transferências tecnológicas e estimulando a construção de setores intensivos nacionais, valorizando os produtos

nacionais e reconstruindo as indústrias nacionais. Neste ambiente, devemos negociar novos espaços internos de desenvolvimento, exigindo dos países desenvolvidos que se interessarem pelo mercado brasileiro, fortalecendo as negociações com os grandes conglomerados externos e uma forte contrapartida de tecnologias que contribuíssem para o incremento da ciência nacional, garantindo novos espaços no comércio internacional e diminuindo a dependência dos setores agroexportadores de baixo valor agregado. Os países que conseguiram alçar novos espaços de desenvolvimento econômico, anteriormente adotaram fortes investimentos na educação, na formação de capital humano e em grandes dispêndios em ciência e tecnologia e, ao mesmo tempo, construíram instrumentos de planejamento do Estado, garantindo proteção, compras internas, aumento da produtividade e o ganho de mercados externos, aumentando sua participação no comércio internacional e no

incremento da complexidade econômica, deixando a dependência de produtos primários de baixo valor agregado e a construção de setores intensivos em tecnologia e em conhecimento.

Os embates entre as maiores economias crescem, exigindo uma diplomacia profissional, defendendo os interesses nacionais e utilizando os interesses e os desejos do mercado nacional como instrumento de construção de contrapartidas. O ambiente internacional está alterando rapidamente, desde a crise de 2008, da ascensão chinesa e da pandemia, a atuação do Estado cresce de forma acelerada. Neste ambiente, a Europa, os Estados Unidos e os países asiáticos perceberam a importância do Estado para reconstruir suas sociedades, infelizmente no Brasil insistimos em discussões ultrapassadas, desnecessárias e equivocadas.

## **Fome**

Depois de um início de século de grandes transformações sociais, políticas, culturais e econômicas, a pandemia desnudou uma realidade assustadora para a sociedade brasileira, somos um dos maiores produtores de alimentos, garantindo grandes ganhos no agronegócio e, ao mesmo tempo, estamos percebendo o retorno da fome no país, os dados recentes nos mostram que mais de 20 milhões de brasileiros declaram passar 24 horas ou mais sem ter o que comer em alguns dias, mais de 24 milhões não tem certeza de como se alimentarão no cotidiano, levando-os a reduzir a quantidade e qualidade do que comem. Neste cenário 74 milhões de pessoas vivem inseguros sobre se vão acabar passando por isso, vivendo num momento de grandes inquietações, instabilidades, incremento de fome e da exclusão social.

Vivemos num momento de grandes calamidades, a economia perdeu força e a recuperação se mostra cada vez mais distante, percebemos espasmos de recuperação de alguns indicadores positivos, alguma melhora nos investimentos externos e, ao mesmo tempo, percebemos uma degradação dos indicadores mais consistentes, tais como a inflação, aumento na fome e na exclusão social. Com inflação em ascensão o Banco Central aumenta as taxas de juros, geradas pela desvalorização cambial e a desagregação das cadeias globais de produção. Com taxas de juros maiores a economia se reduz, diminuindo os investimentos produtivos, retraindo o consumo e piorando os indicadores de emprego e renda, com isso, os indicadores econômicos agregados pioram, aumentando a degradação social e incrementando a exclusão social.

Desde os escritos de Josué de Castro, médico, cientista social, geógrafo e intelectual de várias

denominações acadêmicas, a questão da fome e da exclusão social ganharam espaço nas discussões nacionais, onde destacamos os estudos sobre ecologia e a fome no nordeste brasileiro, contidos nos livros Geografia da Fome e Geopolítica do Fome. Todas estas obras tocaram em um tema urgente para a sociedade brasileira, mostrando os grandes desafios sociais e políticos para o combate da situação de penúria e de degradação social, destacando os setores da sociedade que ganham com esta situação de indignidade e de destruição da alma nacional.

A pandemia nos mostra nossas indignidades, nossas heranças de degradações sociais nos mostram como perpetuamos e naturalizamos as condições de destruição da sociedade nacional, neste momento, precisamos rever modelo econômico, investigando as condições que nos levaram a situação de degradação que vivemos na contemporaneidade, estimulando uma reflexão de todos os grupos

sociais, criando condições para que os grupos mais degradados tenham acesso ao orçamento público. Neste momento, precisamos repensar as políticas públicas, todas que apresentarem resultados negativos devem ser reestruturadas, àquelas que beneficiam apenas grupos sociais e econômicos dominantes precisam ser repensadas e novas políticas públicas devem ser desenvolvidas e devem estar centradas na redução das desigualdades, da geração de empregos dignos, propiciando cidadania e acesso ao mercado de consumo de massa.

Não seremos uma nação desenvolvida se não nos preocuparmos com todos os setores da sociedade, garantindo oportunidades para todas as classes sociais, garantindo progresso material e imaterial. A história nos mostra que todas as nações que conseguiram alçar o desenvolvimento econômico, antes de mais nada conseguiram inserir a população ao

mercado do consumo e garantindo cidadania e dignidade.

Num momento de escassez e de rivalidades crescentes no ambiente global, marcados por incertezas e instabilidades, a construção do desenvolvimento das nações deve ser o objetivo maior da sociedade brasileira, superando a dualidade nacional, acabando com a fome, reduzindo a desigualdade e construindo um projeto nacional, sem isso, seremos sempre vistos como o país do futuro.

## **Dilemas**

Vivemos um momento de grandes dilemas, incertezas e instabilidades, cujos impactos sobre toda a sociedade são elevados. A riqueza cresce rapidamente dentro dos grupos mais afortunados, enquanto percebemos o incremento da fome, da miséria e da indignidade. Neste momento, precisamos de soluções políticas imediatas, lideranças consistentes e a atuação efetiva dos grupos mais engajados da coletividade.

A sociedade brasileira passa por um momento de desolação e de desânimo, as decisões são difíceis, exigindo maturidade política e a construção de um consenso entre as chamadas elites intelectuais, econômicas e políticas, sem estas decisões, o país estará condenado a viver a situação descrita pelo relatório da OCDE, que diz que o padrão de vida dos brasileiros deverá ficar estagnado pelos próximos 40 anos.

A pandemia nos mostrou uma situação social dramática, os indicadores são preocupantes e, ao mesmo tempo, percebemos que, os países desenvolvidos estão repensando a atuação dos Estados Nacionais e fortalecendo suas políticas públicas para melhorar as condições da sociedade, enquanto isso, no Brasil estamos insistindo em reformas chamadas estruturais que pioram e degradam as condições sociais, aumentam a concentração da renda, reduzindo a proteção do cidadão, aumentando a precarização dos trabalhadores, reduzindo os espaços de solidariedade e construindo uma sociedade cada vez mais centrada no individualismo, no imediatismo, no rancor, no ódio e no ressentimento.

Neste momento, os países ditos civilizados perceberam a importância das políticas públicas, incrementando as políticas sociais com o intuito de melhorar as condições da população, ainda mais num período de pandemia que matou milhões de pessoas na

sociedade global. Nestes países os investimentos em ciência e tecnologia crescem de forma acelerada, perceberam a centralidade da pesquisa, ainda mesmo numa pandemia, infelizmente tomamos outros rumos, reduzindo os investimentos científicos, degradando as universidades públicas e estimulamos a fuga de cérebros financiados pelo próprio Estado.

No Brasil, a sociedade pós-pandemia precisa repensar o contrato social, aumentando os recursos para investimentos na saúde, no fortalecimento do SUS, nas universidades públicas, nas pesquisas científicas e no ensino público, além de infraestruturas centrais para capacitar a população para um ambiente altamente concorrencial que se faz presente na sociedade contemporânea, sem essas reflexões o futuro tende a ser assustador.

Neste momento, o Estado prescinde de recursos para construir políticas públicas

visando a redução das desigualdades de renda, o incremento da fome e da desesperança que assolam a sociedade brasileira. Neste cenário, a sociedade está envolta em grandes dilemas que devem impactar os próximos anos, exigindo forte organização política e liderança, visando um ambiente mais propício para vislumbrar espaços de crescimento econômico.

Neste momento precisamos de políticas mais ousadas, planejamento e escolhas estratégicas que impactam sobre todos os grupos sociais. O incremento da inflação está levando o Banco Central a aumentar os juros, contraindo os recursos monetários e diminuindo os investimentos produtivos, postergando a recuperação econômica e criando um ambiente de incertezas e prejuízos sociais, além da falência de empresas e setores econômicos. A aceleração dos preços cria novos dilemas econômicos, juros altos para diminuir a inflação prejudica a

recuperação e piora o cenário econômico, além de reduzir os investimentos produtivos, a geração de emprego, criando um verdadeiro caldeirão de pressões políticas e sociais, como estamos percebendo na conjuntura atual.

Neste ambiente, precisamos proteger os mais fragilizados, para isso, necessitamos reconstruir espaços políticos, reduzindo isenções fiscais, taxando grupos menos tributados que contribuem para a perpetuação da degradação social brasileira. Neste momento, percebemos a importância de lideranças conscientes e capacitadas para construirmos novos caminhos num mundo marcado por incertezas e por instabilidades.

## **Estagflação**

A economia brasileira vem passando por grandes processos de desestruturação econômica e produtiva, com impactos sobre setores inteiros, impulsionando a degradação da economia, aumentando o desemprego, elevando os preços e reduzindo a renda dos trabalhadores. Para piorar o ambiente, passamos por um momento de desajuste nos preços, desvalorização cambial, fragilidades fiscais e perda da confiabilidade externa, gerando um cenário que os economistas podem definir como estagflação.

Podemos definir a estagflação como uma situação simultânea de estagnação econômica, ou seja, ou até mesmo recessão, apresentando altas taxas de inflação. Neste momento, a atuação das autoridades econômicas exige maturidade e atuação sistemática, utilizando todos os instrumentos

da política econômica, como forma de reverter uma situação negativa e preocupante para o comportamento da economia, com desemprego em alta, queda da renda e fragilidade dos indicadores macroeconômicos.

O ambiente econômico gera preocupação, o crescimento da inflação levou o governo a aumentar as taxas de juros e os investimentos produtivos estão em queda, inviabilizando a contratação de trabalhadores, postergando a recuperação econômica e, num momento de pandemia, com mais de seiscentos mil mortos, fragilizando os indicadores sociais, aumentando as tensões sociais e reduzindo a confiança dos setores produtivos.

O aumento da austeridade degrada mais o ambiente social, empobrecendo a massa da população e aumentando a degradação social, elevando a fome, a pobreza e a miséria. A elevação das taxas de juros aumenta a dívida pública, cada ponto percentual de aumento

nas taxas de juros elevam a dívida do Estado em 50 bilhões de reais, com isso, o custo total da elevação da conta de juros alcançará valores aproximados de 400 bilhões de reais, recursos que beneficiam uma pequena parte da população, um contingente de 1% dos brasileiros em detrimento da grande maioria da sociedade, dessa forma, percebemos uma forma crescente da pilhagem dos recursos da sociedade para fins privados.

O incremento dos preços na sociedade brasileira está intimamente ligado as desvalorizações cambiais, as desarticulações das cadeias globais de produção e da elevação dos preços dos alimentos e a forte demanda por produtos agrícolas no mercado global. A desvalorização cambial impacta nos preços internos e eleva a inflação, a estabilização do câmbio exige uma atuação conjunta do governo, a construção de uma confiabilidade perdida e uma organização da agenda econômica que, infelizmente,

apresenta grandes instabilidades e incertezas que fazem com que a moeda nacional perca espaço no mercado internacional e aumente os riscos para os investidores externos.

A agenda liberal preconizada pela equipe econômica, confusa e marcada por improvisações, gera instabilidade, reduz a confiança e afasta os investidores internos e externos. Estamos presenciando a retirada do Estado da condução da economia brasileira e sua substituição pelos atores privados, diante disso, percebemos que os investimentos não estão acontecendo, com isso, não estamos percebendo os supostos benefícios propagados pela propaganda oficial, muito pelo contrário, essas contribuíram apenas para a degradação do trabalho, gerando aumento no desemprego e no subemprego, redução dos investimentos públicos e privados, diminuição dos recursos da educação e da saúde pública, contribuindo para que o país

retorne ao mapa da fome e da degradação social.

Os países desenvolvidos estão aumentando os investimentos produtivos e incrementando a atuação dos atores públicos, reestruturando as políticas industriais e o aumento dos investimentos em infraestrutura e na formação de capital humano, infelizmente, em terras brasileiras ainda estamos insistindo em discussões imaturas e limitadas entre Estado e Mercado, onde a combinação destes atores é o caminho mais apropriado para o crescimento econômico, a melhoria das condições sociais e a constituição da soberania nacional.

## **Inflação**

As sequelas da pandemia sobre a sociedade brasileira crescem todos os momentos, deixando claro a grande dificuldade de construirmos consensos políticos para superarmos este momento, a economia não consegue criar espaços de crescimento consistente, o desemprego ainda permanece em números proibitivos, a miséria cresce e a exclusão social se mostra cada vez mais assustadora, gerando incertezas e instabilidades que postergam as melhorias econômicas.

A inflação deve ser definida como o aumento generalizado de preços na economia, seus impactos são variados, gerando ganhadores e perdedores, diante disso, os grandes perdedores são os setores mais fragilizados, setores que não conseguem se proteger dos impactos negativos do aumento dos preços e a perda do poder de compra, gerando

empobrecimento crescente. Do outro lado, dois setores ganham com o aumento dos preços, o governo e o setor financeiro. Estes setores conseguem defender seu poder de compra, auferindo lucros maiores, piorando a concentração da renda e o aumento da desigualdade entre os grupos sociais.

A sociedade brasileira conviveu com inflação durante muitas décadas, namoramos momentos de hiperinflação, gerando instabilidades, incertezas, baixa confiança e reduzindo o crescimento econômico. Com a implantação do Plano Real, em 1994, a realidade melhorou, os índices inflacionários diminuíram a níveis mais civilizados e crescimento econômico mais consistente, estimulando investimentos produtivos, reduzindo o papel do Estado na economia e criando perspectivas saudáveis e momentos exuberantes, colocando o Brasil na berlinda da economia internacional.

Infelizmente esse sonho não se efetivou, cometemos erros na condução do plano de estabilização, deixamos o câmbio se apreciar, reduzimos os investimentos produtivos e estimulamos o crescimento da jogatina financeiro, colocando no centro da economia setores marcados por baixa produtividade, com reduzida geração de emprego e que contribuíram para o processo de desindustrialização, levando o país a aumentar a dependência dos setores agroexportadores e abrimos mão de um papel mais ativo nos setores industriais. Neste momento, tornamos um grande importador de produtos industrializados, como vimos nas dificuldades de conseguirmos os insumos industriais do setor da saúde.

A inflação, anteriormente esquecida, atualmente ganha força e está crescendo em todos os setores da economia brasileira, gerando incertezas e instabilidades, degradando os indicadores sociais, reduzindo

os investimentos produtivos e reduzindo a geração de empregos. Neste momento, o governo se apoia na política monetária, aumentando os juros, restringindo a moeda que circula na economia e, com isso, posterga a recuperação dos investimentos e a retomada da economia.

A inflação em curso na sociedade brasileira está diretamente ligada aos choques de custos na sociedade internacional, gerada pela desagregação das cadeias produtivas globais e pelo incremento da pandemia, impactando sobre o preço do frete externo, reduzindo a produção em decorrência da falta de insumos, como percebemos no setor de semicondutores, os chamados chips, produtos fundamentais para a economia globalizada, centrada em tecnologias avançadas, sofisticação e alta complexidade.

A sociedade precisa compreender que a inflação é também, e principalmente, um

fenômeno político. Numa sociedade como a brasileira, que naturaliza a pobreza e banaliza a desigualdade social, atrelando-a a ausência de empreendedorismo, os grandes ganhadores usam o poder econômico para incrementar seus ganhos financeiros e influenciar espaços da política, garantindo altos lucros, retornos elevados e rentabilidades vultosas. Em momentos de pandemia, de desestruturação econômica, de fome e de exclusão social percebemos quem são os grandes beneficiários das instabilidades em curso da sociedade brasileira, são aqueles que se escondem atrás de discursos falaciosos baseados em meritocracia, esquecendo que somos um dos países mais desiguais do mundo, sem oportunidade não existe meritocracia.

## **Investimento Público**

Os investimentos públicos são fundamentais para estimular o crescimento econômico, dinamizando a sociedade, gerando consumo, aumento do emprego e estimulando as cadeias produtivas, sem estes investimentos públicos a retomada da economia perde força e as perspectivas do próximo ano são preocupantes. Neste ambiente, confuso e fortemente polarizado, percebemos o crescimento da fome, aumento da exclusão social, retração dos investimentos produtivos, taxas de juros em ascensão e a ausência de um modelo econômico confiável para retomar o crescimento da economia.

Neste ambiente, percebemos que as maiores economias do mundo (EUA, Europa, Japão e China) estão adotando fortes estímulos fiscais para o aumento dos investimentos públicos, sabemos que sem investimentos governamentais as economias

demorariam muito mais tempo para recuperar os sistemas produtivos, retomando os empregos e dinamizando os setores internos, isso acontece porque os investimentos privados se retraem fortemente em momentos de instabilidades e incertezas. A literatura nos mostra, que os grandes riscos são tomados pelo Estado Nacional, são eles os responsáveis pelos grandes ciclos tecnológicos da economia global, ao contrário daqueles que acreditam no poder da livre concorrência, da mão invisível, do empreendedorismo e da meritocracia, algumas das falácias sem comprovação científica.

As maiores economias do mundo estão despejando trilhões de dólares em investimentos públicos e estímulos tributários para estimular os gastos produtivos, retomando investimentos em infraestrutura, aumentando as contratações, elevando as obras públicas necessárias para capacitar as estruturas econômicas para competir neste ambiente de alta complexidade, fortalecendo

os canais de distribuição, melhorando as cadeias produtivas, aumentando os investimentos em ciência e tecnologia, capacitando as universidades e os centros de pesquisa. Neste momento, embora atrasados, as novas tecnologias geradas pelas conexões de 5G estão abrindo novas perspectivas para a economia internacional, estamos diante de desafios enormes e oportunidades gigantescas, que podem configurar as próximas décadas, moldando o crescimento econômico e o desenvolvimento nacional e garantindo melhoras consideráveis para as futuras gerações.

A concorrência cresce em todas as regiões da sociedade global, por trás de discursos de abertura, privatização e desregulação econômica, os grandes ganhadores do cenário internacional fazem uma política diferente. Clamam pela abertura econômica e defendem os benefícios do livre comércio para os outros países, mas na verdade se esmeram nos altos subsídios de

suas empresas, desonerações de plantas nacionais, proteção para seus setores produtivos, injetando recursos em investimentos de risco que os setores privados temem pelos riscos elevados.

A pandemia nos mostrou a pobreza material de muitas nações na sociedade internacional e desnudou de forma crua e evidente a pobreza intelectual do debate econômico. As visões equivocadas de grupos econômicos que se comprazem com a degradação da estrutura produtiva, defendendo a venda de patrimônios nacionais sem justificativas plausíveis, apenas para garantir maiores retornos monetários e financeiros em detrimento de grande parte da população, num momento de combustível em ascensão, alto preço da energia, moeda desvalorizada e ganhos estrondosos de poucos acionistas que conseguem através do poder político a isenção tributária e condenando milhões de brasileiros na fila do

osso, do auxílio e da degradação como ser humano.

Os investimentos públicos são fundamentais para estimular o crescimento econômico, reduzindo o desemprego, criando demanda efetiva para movimentar os investimentos privados, melhorando uma infraestrutura degradante que restringe a produtividade dos setores econômicos e auxilia na retomada da economia. As grandes nações estão mostrando o caminho da retomada da economia, os investimentos públicos devem nortear os recursos privados, reduzindo os poderes dos grandes grupos econômicos e financeiros, planejando ações urgentes e preparando a sociedade para os grandes desafios contemporâneos.

## **Posfácio**

Chegamos a esse documento com grande alegria e satisfação, agradecendo ao autor pela oportunidade de poder participar dessa obra, que nos apresenta artigos de grande relevância social, política e econômica, instigando a todos os que apreciam uma boa leitura a buscarem uma reflexão e um posicionamento crítico frente às grandes mudanças ocorridas no cenário global. Nos últimos anos, a sociedade mundial começou a passar por transformações intensas em suas estruturas produtivas que acabaram impactando de forma significativa em todos os setores, econômicos, sociais e políticos, exigindo mudanças expressivas para uma possível adaptação ao novo cenário produtivo tanto nacional quanto internacional. Vivenciamos uma economia muito sofrida frente a desequilíbrios gerados pela pandemia, com um governo incapaz de gerir e administrar

questões de cunho primordial para o saudável desenvolvimento social.

Enfrentamos uma situação de desigualdade social que faz doer o coração de seres mais humanizados ou no mínimo, fazendo despertar algum desconforto com a realidade atual. O ambiente global, marcado por grandes turbulências, com os impactos da guerra gerando cenários difíceis para uma sociedade já tão degradada, vivendo a questão do desemprego, da falta de renda, da exclusão social e principalmente da fome, situação essa vivida por inúmeras famílias em situação de vulnerabilidade social, vivendo em uma condição de extrema pobreza e outras tantas carências, como nas áreas da educação e da saúde, que são instrumentos indispensáveis para toda e qualquer nação que vislumbre uma melhora na condição de vida da sua população. Neste cenário de grande instabilidade, carecemos de uma união entre os setores que fazem essa engrenagem

acontecer, criando pactos saudáveis, estimulando a educação e a pesquisa científica, investindo na saúde da população, sem saúde não temos condição humana de trabalho, esse planejamento deve ser idealizado e entendido com ganhos em longo prazo, com estratégias que estimulem a produção e o investimento, essas medidas devem acontecer de forma pontual e eficaz. A pandemia nos mostrou a importância das políticas públicas, o trabalho do Sistema Único de Saúde, SUS, que desenvolveu um trabalho relevante no enfrentamento da COVID 19, e nos mostrou também deficiências que são passíveis de melhorias, devendo este ser ampliado e com uma gestão mais eficiente, voltada para a concretização de ações que possam trazer um avanço favorável ao desenvolvimento humano e suas particularidades.

A Política Pública da Assistência Social também apresenta uma importante

contribuição para a sociedade brasileira, propondo retirar milhões de famílias da situação de vulnerabilidade extrema, criando oportunidades para enfrentarem uma situação impactante de desemprego e de insegurança alimentar e nutricional. Precisamos pensar em políticas públicas e da relevância da defesa delas em um país como o nosso, de dimensões territoriais e de desigualdades importantes em diversos aspectos. Precisamos pensar em políticas públicas em consonância com a ética cidadã e nossos processos democráticos.

Precisamos pensar em como essas vulnerabilidades estruturais interseccionam e compartilham entre si condições de opressão de comunidades, populações e grupos sociais específicos no país, pensando classe social, gênero, diversidade sexual, raça e / etnia, construindo práticas efetivas que promovam justiça social. Ao finalizarmos a leitura de cada artigo conseguimos elencar uma farta e

expressiva lista de aprendizados extremamente relevantes, defendidos de forma tão estruturada, perfeita e completa por Ary, alavancando o nível de conhecimento, principalmente daqueles que se propõem a ser instrumento de mudança na vida de toda a sociedade. Cada texto nos convida a pensarmos sobre a questão da desigualdade, da exclusão social, do racismo e de toda forma de repressão.

Precisamos pensar que muitas mudanças competem ao Estado Nacional, mas algumas competem a cada cidadão, levantando a sua bandeira e se posicionando na busca de um mundo melhor, cada um se propondo a ser instrumento de ação, fazendo a diferença na vida do outro, buscando uma vivência mais solidária e humanizada.

Rosângela Márcia Ramos da Silva Santos  
Psicóloga do CRAS NORTE - Centro de  
Referência de Assistência Social de

Votuporanga S.P., Especialista em Psicologia  
Clínica: Terapia Cognitivo-Comportamental  
pela Faculdade de Medicina de São José do  
Rio Preto – FAMERP.



Ary Ramos da Silva Júnior, Formado em Ciências Econômicas (Unesp), Administração (Unirp), Especialista em Economia Criativa (Unyleya), Mestre e Doutor em Sociologia (Unesp) e professor universitário.

editora  
**Virtual Books**   
[www.virtualbooks.com.br](http://www.virtualbooks.com.br)

